

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
LICENCIATURA EM DANÇA

NATÁLIA CARDOSO NASCIMENTO VAZ

ABRIGANDO A INFÂNCIA NA DANÇA – RELAÇÕES ENTRE VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS E
VULNERABILIDADE SOCIAL

APARECIDA DE GOIÂNIA

2023



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Natália Cardoso Nascimento Vaz
Matrícula: 20181030050039
Título do Trabalho: _____

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2** ou **3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Ap.ª de Goiânia . 04/08/23
Local Data

Natália Cardoso Nascimento Vaz

NATÁLIA CARDOSO NASCIMENTO VAZ

ABRIGANDO A INFÂNCIA NA DANÇA – RELAÇÕES ENTRE VIVÊNCIAS ARTÍSTICAS E
VULNERABILIDADE SOCIAL

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Licenciatura em Dança, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em dança.

Orientador: Prof. Me. Germano Lopes

APARECIDA DE GOIÂNIA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

V393 Vaz, Natália Cardoso Nascimento
Abrigando a infância na dança: relações entre vivências artísticas e vulnerabilidade social. / Natália Cardoso Nascimento Vaz. - Aparecida de Goiânia, 2023.
32 f.

Orientador: Me. Germano Lopes.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Licenciatura em Dança, 2023.

1. Dança. 2. Vivências artísticas. 3. Infância. 4. Vulnerabilidade social.
5. Relações. I. Título.

CDD 372.868

Catalogação na publicação:
Thalita Franco dos Santos Dutra – CRB 1/2186



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

TERMO DE APROVAÇÃO

Natália Cardoso Nascimento Vaz

Abrigando a Infância na Dança - Relações entre Vivência Artística e Vulnerabilidade Social

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Aparecida de Goiânia como requisito parcial para a obtenção do título de **Licenciada em Dança** e desenvolvido na linha de pesquisa **Práticas Docentes e Processos Pedagógicos em Artes** sob orientação do Professor Me. Germano Henrique Pereira Lopes.

Aprovado em 19 de Junho de 2023.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Me. Germano Henrique Pereira Lopes (Presidente - orientador)

(assinado eletronicamente)

M^a. Ruskaia Fernandes (Membro Interno)

(assinado eletronicamente)

Me. Roberto Rodrigues (Membro Interno)

Documento assinado eletronicamente por:

- **Roberto Rodrigues**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 02/08/2023 15:03:41.
- **Ruskaia Fernandes Mendonca**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 02/08/2023 14:54:49.
- **Germano Henrique Pereira Lopes**, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 02/08/2023 14:51:24.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 22/06/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 422986

Código de Autenticação: c1b2cdae6e



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Avenida Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, Parque Itatiaia, APARECIDA DE GOIÂNIA / GO, CEP 74968-755
(62) 3507-5959 (ramal: 5959)

AGRADECIMENTOS

A Deus, minha eterna fonte de inspiração, sabedoria e bondade, dedico este trabalho. Sou grata por Sua presença constante em minha vida, guiando meus passos e iluminando meu caminho.

Ao meu amado esposo, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando incondicionalmente durante todo o percurso desta jornada acadêmica. Sua paciência, incentivo e compreensão foram e sempre serão fundamentais para minha motivação e sucesso.

À minha querida mãe, além do apoio inabalável, agradeço por ter me criado de forma a refletir nas escolhas que tenho orgulho hoje. Seu amor, dedicação e exemplo de determinação foram essenciais para meu crescimento e formação como pessoa e como aprendiz na docência.

Ao meu saudoso pai, que infelizmente não está mais entre nós, dedico este trabalho à sua memória. Ele foi um amante da arte e meu maior incentivador em toda minha infância, despertando em mim o amor pela criatividade e pela busca constante pelo conhecimento.

Agradeço também à minha filha Alice, que mesmo no ventre, acompanhou todo esse processo de escrita. Sua presença silenciosa, mas constante, foi uma fonte de força e inspiração para mim. A você, minha amada primogênita, dedico este trabalho. Que ele seja um reflexo do meu amor por você e da importância que você tem em minha vida.

Agradeço aos meus professores, verdadeiros mestres, que deixaram uma eterna marca em minha formação. À professora Tainá Barreto, minha primeira referência para a docência, que despertou em mim, com tanta graciosidade, paixão pelo ensino de dança. À professora Ceila Portilho, cuja influência foi crucial em minhas vivências práticas neste trabalho. E ao professor Germano, meu orientador, que acompanhou todo o processo com imensa generosidade e paciência, segurou minhas mãos e me conduziu para a conclusão bem-sucedida deste trabalho.

Aos meus amigos, verdadeiros companheiros de jornada, agradeço por estarem sempre presentes, me apoiando e me encorajando. Seu apoio e amizade foram fundamentais e por muitas vezes um bálsamo de motivação e crescimento.

Expresso também minha gratidão a cada criança que me recebeu e me acolheu em seus espaços brincantes, proporcionando experiências enriquecedoras que foram a base deste trabalho. A dedicação e alegria delas foram a minha maior inspiração.

Gratidão a todos que, de muitas formas, impactaram e contribuíram para a realização deste trabalho. Que a nossa jornada continue!

*A dança é uma poesia no ar,
Expressão além do corpo a flutuar ou afundar.
Impactos positivos ela traz consigo,
Na sociedade, um elo de abrigo.
Inclusão e diversidade ela promove,
Cultura local, regional ou quem sabe, nacional se move.
Comunicação não verbal a nos encantar ou espantar,
A todos alcança, sem distinção, a bailar.
Idades, gêneros, raças, sem preconceito,
Habilidades e classes, tudo se entrelaça nesse leito.
Estimula a criatividade e a expressão,
A dança é a arte em plena evolução.
Quando juntas, as pessoas dançam em harmonia,
Criam um laço de união, que nos contagia
A dança transcende, reproduz e cria.
Fortalecem relacionamentos, alma e coração,
E na dança encontram a verdadeira conexão.
Apresentações conjuntas, experiências sem par,
Enriquecedoras, inesquecíveis, a brilhar.
Promovem interação, sorrisos a se encontrar,
A dança, na vida, sempre a nos inspirar.*

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo observar os impactos das vivências artísticas no desenvolvimento de crianças de 3 a 7 anos em situações de vulnerabilidade social. O problema da pesquisa consistiu em compreender de que forma as vivências artísticas podem influenciar o bem-estar e o desenvolvimento dessas crianças. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, buscando investigar as relações entre essas vivências e o público alvo. As ações foram realizadas no abrigo Lar Maria de Nazaré, em Hidrolândia - GO e no Condomínio Residencial Agenor Modesto, em Aparecida de Goiânia - GO, durante um estágio supervisionado. As propostas das vivências eram constituídas através da dança, da brincadeira e atividades lúdicas, visando estimular a criatividade, expressividade e interação social. Nas observações e análises foi verificado que as vivências artísticas tiveram impactos sociais e expressivos relevantes no desenvolvimento das crianças nos dois locais mencionados. Este é um estudo inicial que vem para somar com as reflexões sobre os benefícios das vivências artísticas para crianças em situações de vulnerabilidade social, evidenciando a importância de oportunizar tais atividades para esse público.

Palavras-chave: 1. Dança 2. Vivências Artísticas 3. Infância 4. Vulnerabilidade Social 5. Relações

ABSTRACT

This work aimed to observe the impacts of artistic experiences on the development of children aged 3 to 7 in situations of social vulnerability. The research problem consisted of understanding how artistic experiences can influence the well-being and development of these children. The research used a qualitative perspective, seeking to investigate the relationships between these experiences and the target audience. The actions were carried out at the Lar Maria de Nazaré shelter in Hidrolândia, Goiás, and at the Agenor Modesto Residential Condominium in Aparecida de Goiânia, Goiás, during a supervised internship. The proposed experiences were constituted through dance, play, and playful activities, aiming to stimulate creativity, expressiveness, and social interaction. Through observations and analysis, it was verified that artistic experiences had significant social and expressive impacts on the development of children in the two mentioned locations. This is an initial study that contributes to the reflections on the benefits of artistic experiences for children in situations of social vulnerability, highlighting the importance of providing such activities for this audience.

Keywords: 1. Dance 2. Artistic Experiences 3. Childhood 4. Social Vulnerability 5. Relationships

LISTA DE FIGURAS

- **Imagens- 1 a 7 - Vivências do Estágio I - Campo: Condomínio Residencial Agenor Modesto I - Aparecida de Goiânia/Goiás - Acervo Pessoal.**
- **Imagens 8 a 13 - Vivências no Abrigo Lar Maria de Nazaré - Hidrolândia/Goiás Acervo Pessoal.**

SUMÁRIO

PONTO DE PARTIDA.....	11
CAPÍTULO 01 - VULNERABILIDADE SOCIAL: UM PANORAMA HISTÓRICO.....	15
1.1 - INFÂNCIA E VULNERABILIDADE SOCIAL.....	19
CAPÍTULO 02 - ARTE/DANÇA: AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.....	22
2.1 - INFÂNCIA E DANÇA.....	25
CAPÍTULO 03 - MÃO NA MASSA.....	27
3.1 – ESTÁGIO I.....	29
3.1.1 – PRIMEIRA VIVÊNCIA.....	30
3.1.2 – SEGUNDA VIVÊNCIA.....	32
3.1.3 – TERCEIRA VIVÊNCIA.....	32
3.1.4 – QUARTA E QUINTA VIVÊNCIA.....	34
3.1.5 – SEXTA VIVÊNCIA.....	35
3.1.6 – SÉTIMA VIVÊNCIA.....	35
3.1.7 – OITAVA VIVÊNCIA.....	36
3.1.8 – NONA E DÉCIMA VIVÊNCIA.....	37
3.1.9 – APRESENTAÇÃO ABERTA.....	38
3.2 – ABRIGO LAR MARIA DE NAZARÉ.....	38
3.2.1 - PRIMEIRA VIVÊNCIA.....	39
3.2.2 - SEGUNDA VIVÊNCIA.....	40
3.2.3 - TERCEIRA VIVÊNCIA.....	41
3.2.4 - QUARTA VIVÊNCIA.....	42
3.2.5 - QUINTA VIVÊNCIA.....	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERSPECTIVAS.....	45
ANEXOS.....	51
ANEXO 1 - PLANOS DE AULA.....	51
ANEXO 2 - IMAGENS.....	59

PONTO DE PARTIDA

Nasci no dia 11 de dezembro de 1993, na cidade de Goiânia, estado de Goiás. Meu nome é Natália Cardoso Nascimento Vaz. Sou uma mulher negra de cabelos cacheados. Morei boa parte da minha vida em um bairro periférico nessa mesma cidade, no setor Madre Germana II¹, junto a meus pais: senhor Baltazar Moura Nascimento, falecido no ano de 2007 e dona Vanda Lara Cardoso. Nossa convivência sob o mesmo teto durou até o ano de 2021, quando me casei.

De papai, um homem negro de cabelos cacheados, de olhar sereno e misterioso, herdei a cor da pele, os cabelos e o encantamento pelas artes. Ele era artista plástico e passava horas na marcenaria esculpindo obras em madeira. Sempre me estimulou à apreciação musical, a frequentar festas populares e museus. Papai me incentivava a pintar quadros, pegar formões², cantar e dançar. Fui tomando gosto pela leitura de tudo aquilo que estava relacionado à Arte. As sementes de me tornar uma dançarina foram semeadas durante minha infância.

De mamãe, uma mulher branca e cabelos lisos, herdei seu caráter altruísta. Mesmo sendo uma mulher de poucas posses, vivendo em um bairro em que as necessidades básicas se fazem vizinhas, mamãe, sempre que pode, compartilhava e ainda compartilha aquilo que tem, seja um prato de comida, uma roupa usada ou uma palavra de afago.

Voltando a minha caminhada, desde muito jovem já dominava a leitura e a escrita e, a exemplo do que tive dentro de casa, compartilhava, também, meus saberes. Eu tinha o costume de ajudar outras crianças da comunidade em suas tarefas escolares.

Desde o ano de 2009, quando tinha 15 anos, coordeno um grupo de estudos bíblicos para crianças na Igreja Videira³. E, de lá pra cá, sempre que possível, estou perto dos pequenos. Desta forma, durante boa parte da minha trajetória, o amor e compromisso pelas

¹ Bairro periférico localizado em Goiânia, próximo a cidade de Aragoiânia. Não encontramos informações específicas sobre o bairro Madre Germana II. Contudo encontramos que a criação do conjunto Habitacional Madre Germana está ligada às reivindicações sociais do Movimento de Luta pela Casa Própria (MLCP), liderados na década de 90 pelos representantes políticos Euler Ivo e Isaura Lemos.

² Ferramentas com lâminas usadas para entalhar madeira. Papai tinha vários formões e com muito cuidado ele permitia que eu pegasse para experimentar em retalhos de madeira em sua marcenaria.

³ A Igreja Videira é uma denominação cristã, fundada em Goiânia, em 1997, pelo pastor Aluizio A. Silva. Faço parte da membresia desde novembro de 2007. Lá temos estudos bíblicos semanais para todas as idades que chamamos de células, e também os cultos de celebração aos domingos.

crianças, em especial as que vivem em situações de vulnerabilidade social, solidificou-se como um dos pilares da minha vida.

Ainda na minha adolescência, em uma determinada ocasião, fui despretensiosamente com um grupo de amigos a uma instituição, que no momento não me recordo o nome, levar doações de roupas e alimentos para as crianças abrigadas no local. Em outra oportunidade, em uma tarde fui com um grupo de mulheres da Igreja a qual faço parte, ao Abrigo Residencial Niso Prego para auxiliarmos as professoras no cuidado com as crianças. Creio que meu desejo por trabalhar de forma mais efetiva com esse público em específico tenha despertado nessas ocasiões.

Em 2017, através do Programa Novo Mais Educação, tive a oportunidade de assumir uma oficina de dança no Colégio Estadual João Barbosa, no bairro Madre Germana I, na cidade de Aparecida de Goiânia - GO. Trata-se de um projeto instituído pelo Ministério da Educação, iniciado em 2007, que tinha por objetivo melhorar os resultados de aprendizagem dos alunos e alunas nos anos iniciais e finais do ensino fundamental da rede pública de ensino, através de acompanhamento pedagógico em Língua Portuguesa e Matemática e no desenvolvimento de atividades nos campos de artes, esporte e lazer. Foi um desafio, pois eu não tinha nenhuma experiência oficial com a docência. Mas estar com aquele grupo de crianças em condições tão precárias de moradia, alimentação e aprendizagem, semanalmente, me trazia um senso de propósito. Dava para perceber o interesse das crianças em participar desse projeto, pareciam que elas sentiam-se ouvidas, se sentiam parte. Foi uma experiência significativa durante os cinco meses que estive envolvida com essa oficina.

E foi nesse cenário de ensinamentos e exemplos vindos de casa, vivências e experiências em diversas possibilidades nas artes, e oportunidades de atuar na educação com crianças, que me instigou a procurar uma formação mais sólida. Chega, então, à minha vida, o curso de Licenciatura em dança no IFG (Instituto Federal de Goiás), em 2018. Muitos encantamentos tomaram conta de mim por estar mergulhada em curso de Arte onde umas de suas bases é a articulação entre diversas linguagens artísticas. Sua grade curricular abrange as linguagens da dança, música, artes visuais e expressão dramática. Além das diversas disciplinas da área pedagógica, pelas quais tenho também um grande interesse.

Durante todo o percurso da minha trajetória formativa no IFG, em especial quando cursei as disciplinas Fundamentos da Arte na Educação em 2018/2, com o professor Dr.

Alexandre Guimarães e Fundamentos e Metodologias do Ensino da Dança I e II em 2019/2 e 2020/2 respectivamente com a professora Mestre Tainá Barreto, construi reflexões acerca da importância do ensino-aprendizagem da arte e da dança, que me trouxeram a vontade de atuar com crianças em situação de vulnerabilidade social, instigando minha curiosidade sobre essa temática. Partindo desses impulsos, decidi que meu Trabalho de Conclusão de Curso envolveria ações de dança com crianças nesse tipo de condição.

Acredito que, mesmo que este trabalho não tenha uma envergadura de pesquisas mais complexas e aprofundada, ainda assim, sua importância se faz necessária em âmbito mais amplo, nos aspectos sociocultural e emocional do desenvolvimento das crianças. Em particular, a linguagem da dança é capaz de provocar nas crianças transformações, autoconhecimento, desenvolvimento no corpo-mente através de expressividade, gestualidade e movimento. Godoy (2007 apud ALMEIDA, 2016, p. 30) afirma que:

A dança recria os movimentos, sensibilizando a criança para o valor expressivo dos seus gestos. É também uma importante fonte de prazer, autoconhecimento e sociabilidade, promovendo a construção de novas possibilidades expressivas e o aperfeiçoamento dos gestos, uma vez trabalhados de modo intencional na dança. (...) Ela pode, progressivamente, utilizar o corpo como fonte de investigação criativa do mundo e de si mesma, de suas ideias e emoções, explorando as formas de expressão corporal presentes no seu grupo social e em outros grupos.

Psicólogos, educadores, pesquisadores nos trazem, ainda, a importância da Arte na formação do indivíduo desde a infância. Vygotsky em “A formação social da mente” (1991), afirma que é na primeira infância que influências e experiências moldam o caráter e a personalidade de um indivíduo, e apontam que é de suma importância o contato da criança com a arte, pois esta estimula o desenvolvimento emocional, a psicomotricidade, a comunicação ativa a sensibilidade para a apreciação e fruição em suas relações sociais. Portanto, a dança como meio de formação, pode contribuir no processo de desenvolvimento integral das crianças.

Quando se trata daquelas que estão em situações de vulnerabilidade social, expostas a diversas formas de desamparo social, estas têm a tendência ainda mais provável a falta de acessibilidade ao contato e às vivências artísticas. Diante disso, é importante enaltecer os direitos desses indivíduos a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente (constituição da República Federativa do Brasil, Lei Nº 8.069, de 13 de Julho de 1990, Capítulo II, Artigo 16º, IV) que em suas primeiras linhas, defende que:

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei,

assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

Diante do exposto, esta pesquisa tem por objetivo refletir sobre algumas experiências artísticas propostas para crianças em situação de vulnerabilidade. A primeira ação está associada à disciplina de Estágio I, cursada no primeiro semestre de 2022. Essa trata de uma ação no campo informal de ensino, desta forma, este aconteceu no Condomínio Residencial Agenor Modesto, localizado no Parque Itatiaia em Aparecida de Goiânia. A disciplina foi orientada pela professora Dra. Ceila Portilho. A outra ação aconteceu no Abrigo Lar Maria de Nazaré, na cidade de Hidrolândia - GO. Trata-se de uma unidade de acolhimento de crianças e adolescentes em situação de abandono, ameaça ou violação de direitos e que estão afastados temporariamente de seu núcleo familiar. Essa atividade foi realizada durante o mês de julho do mesmo ano, de maneira informal.

É importante deixar claro que, em nossas intervenções em dança, não utilizamos um gênero específico da dança. Como nosso objetivo era mais promover vivências artísticas em dança de forma mais ampla, decidimos utilizar a abordagem da dança-educação. Pesquisas no tempo presente apontam para essas possibilidades de abordagem, que utiliza a dança como estratégia de ensino-aprendizagem. É, também, uma abordagem interdisciplinar que combina os elementos da dança com os princípios da educação, e busca promover o desenvolvimento integral dos indivíduos. Nessa abordagem, os alunos são estimulados a explorar o movimento corporal, a expressão artística, a criatividade e a consciência do próprio corpo. O objetivo é proporcionar uma experiência educativa que vai além de passos codificados e técnicos da dança, envolvendo também aspectos cognitivos, emocionais, sociais e culturais. Pode ser aplicada em diferentes espaços educacionais, como escolas, projetos, universidades, instituições culturais e comunitárias e também, integrada ao currículo regular, como uma disciplina específica de dança, sendo utilizada como uma abordagem transversal, incorporando elementos da dança em outras áreas do conhecimento. Fernanda Almeida⁴, por exemplo, é uma pesquisadora que vem se debruçando sobre a infância, e expõe em sua obra "Que dança é essa" (2016) uma perspectiva de dança que certamente tem alicerce nas concepções que foram chamadas de dança-educação.

⁴ Fernanda é professora na UFG (Universidade Federal de Goiás), é mestre em Artes e coordena o projeto de pesquisa Dançarelado: a práxis artístico-educativa em dança com crianças.

O resultado desta pesquisa, de caráter qualitativo, está estruturado em três capítulos: no capítulo 1, faço uma breve contextualização histórica e apontamentos sobre vulnerabilidade social no âmbito geral, e em seguida, aprofundo especificamente em vulnerabilidade social na infância. Já no capítulo 2, traço possibilidades de relações entre a Arte e suas possibilidades transformadoras nas pessoas em vários aspectos, afunilando, em seguida, em como essas possibilidades acontecem no contexto dança-infância. Por fim, no capítulo 03, apresento e reflito sobre as ações práticas realizadas com as crianças nos campos mencionados.

CAPÍTULO 01 - VULNERABILIDADE SOCIAL: UM PANORAMA HISTÓRICO

A vulnerabilidade social tem por conceito aquilo que se refere à situação de fragilidade que afeta indivíduos e grupos sociais que se encontram em condições de desigualdade, pobreza, exclusão e discriminação. Essa condição é caracterizada pela falta de acesso a recursos básicos como alimentação, moradia, educação, saúde, trabalho e segurança.

Há vários fatores que contribuem para uma situação de vulnerabilidade social, como por exemplo: pessoas que são forçadas a deixar suas casas devido a desastres naturais, conflitos e guerras, ou a pobreza extrema e, como veremos adiante, muitas dessas causas tem raízes nos sistemas sócio-econômicos adotados pelas diversas sociedades. Contudo, a compreensão da vulnerabilidade social tem se expandido para além de fatores isolados, ou seja, é multidimensional e envolve a interação de diversos elementos, como renda, educação, saúde, acesso a recursos, assistência social etc. Além disso, pode variar em diferentes contextos históricos e culturais.

Novos desafios e perspectivas podem surgir à medida que a sociedade evolui. Com isso, é importante estudar e analisar os conceitos históricos de vulnerabilidade social à luz do contexto em que se enquadram.

Nesse sentido, conclui-se que uma alternativa interessante para o estudo da vulnerabilidade é encontrada na análise dos fatores internos e externos que afetam determinado indivíduo ou grupo. Esses fatores não fazem parte de um único conjunto, ou seja, o indivíduo ou grupo pode ser afetado por diversos elementos (...). (KAZTMAN et al., 1999; ADGER, 2006; CHAMBERS, 2006).

Portanto, as razões pela escolha do percurso histórico apresentadas aqui estão intrinsecamente relacionadas à sociedade ocidental capitalista, já que a relação entre o

capitalismo e a vulnerabilidade social é codependente, tendo sido objeto de debates e lutas políticas ao longo da história. Ainda, várias ações e políticas públicas têm sido propostas e promovidas para mitigar os efeitos negativos desse sistema, visando a segurança e bem-estar dos povos e nações.

Podemos iniciar essa trama histórica a partir do Feudalismo. Este foi um sistema social, político e econômico predominante na Europa medieval (entre os séculos IX e XV), que tinha por característica uma estrutura hierárquica em que o poder e a posse da terra eram fundamentais. “Feudo”, se referia às terras concedidas por um senhor feudal a um “vassalo”⁵ em troca de lealdade e serviços militares. Nesse sistema, a sociedade se organizava em três principais classes: o clero, a nobreza e os servos/camponeses. O clero era composto pelos membros da Igreja e exercia grande influência sobre a população, tanto em termos religiosos quanto políticos. A nobreza, formada por senhores feudais e cavaleiros, detinha o poder político e militar, controlando as terras e governando sobre os camponeses. E os servos, classe mais numerosa, trabalhavam nas terras dos senhores feudais em troca de proteção e uma parcela da produção.

Aos servos ficava o quinhão mais sacrificado dessa sociedade, plantavam, colhiam, cuidavam dos animais para a manutenção do feudo. Era um sistema fechado e sem possibilidade de mobilidade. Os servos ficavam presos à terra e eram considerados parte dela. Eram a base da ordem social e pagavam por essa proteção e concessão de uso da terra. (MALVEZZI. 2015. pág 15).

A partir de então, esse sistema começou a desempenhar um papel significativo para a vulnerabilidade social, já que essa divisão desigual de poder e recursos, assim como a ausência de direitos e proteções sociais gerou uma estrutura e um ambiente socioeconômico díspar.

Mas foi a partir do século XIV, com as mudanças sociais, econômicas e políticas, com a ascensão da burguesia e a transição para uma economia monetária, que o feudalismo começou a declinar. Fatores como a pandemia da Peste Negra⁶, que afetou grande parte da população europeia, também contribuíram para o enfraquecimento do sistema feudal.

⁵ Vassalo é o título dado ao subordinado de um soberano. É um conceito que existiu durante a Idade Média e está diretamente relacionado com o Feudalismo. Por norma, o vassalo era o indivíduo que pedia algum benefício a um nobre superior e, em troca, fazia um juramento de absoluta fidelidade a este. (SIGNIFICADOS. 2011. Busca por Vassalo. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/?s=vassalo>>. Acesso em: 21 de maio, 2023)

⁶ A Peste Negra foi uma pandemia de peste bubônica que ocorreu no século XIV, durante a Idade Média. Ela surgiu na China por volta de 1334 e se espalhou rapidamente pela Europa, chegando à Itália em 1347. Teve consequências significativas para a sociedade medieval, afetando a economia, a agricultura e a estrutura social. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/peste-negra/>>. Acesso em: 21 de maio, 2023)

No final da Idade Média, as cidades italianas começaram a se destacar como centros comerciais e financeiros, e a riqueza era acumulada por meio do comércio. A partir dessas cidades, essas transações se espalharam por toda a Europa, o que resultou em uma crescente interdependência entre as economias regionais. Com o avanço tecnológico da época, deu-se início, então, às grandes navegações no século XV, onde as nações européias passaram a explorar novas rotas comerciais e a estabelecer colônias em outras partes do mundo. Esse processo de expansão econômica e territorial levou ao surgimento do mercantilismo, um sistema econômico em que o comércio era a atividade mais importante e o Estado desempenhava um papel fundamental para promover o comércio exterior e a acumulação de riquezas.

O mercantilismo foi o embrião para o desenvolvimento das primeiras bases do capitalismo moderno. Durante essa fase, o capitalismo se caracterizou pela acumulação de capital, em que a riqueza era obtida por meio da exploração dos trabalhadores e da extração de recursos naturais. Então no século XVIII, veio a Revolução Industrial, que transformou radicalmente a economia e a sociedade. A introdução de máquinas e a utilização da energia a vapor permitiram a produção em massa de bens manufaturados, impulsionando o desenvolvimento da indústria e da tecnologia. Aqui surgiram as classes operárias, formadas por trabalhadores que vendiam sua força de trabalho em troca de salários. Então chegamos na fase atual do capitalismo, que é marcada pela globalização e pela crescente interdependência entre as economias de diferentes países, desenvolvimento tecnológico e inovação como elementos fundamentais para o aumento da produtividade e desenvolvimento econômico e, por empresas buscando a maximização dos lucros. Contudo, suas raízes se fundamentam na desigualdade social, na competição entre povos e pessoas, na exploração da mais valia.

Percebe-se, então, que na sociedade Ocidental em todas as épocas, prevalece a existência de classes dominantes que detêm o poder, os recursos e a acumulação de riquezas, enquanto outras classes, subordinadas, se vêem obrigadas à exploração do seu trabalho para sua sobrevivência. Infelizmente, essa busca pelo lucro e pela preservação de poder ao longo do tempo só reforça, intensifica e reflete as desigualdades sociais.

Diante das situações postas as classes trabalhadoras, surgiram frentes de combate à desigualdade social, a vulnerabilidade social etc. Foi notadamente após a Revolução Industrial que grupos se organizaram em redes de apoio e associações, buscando melhores

condições de vida, trabalho e justiça social. Surgem, então, os primeiros sindicatos. Com o tempo, estes se tornaram mais representativos e politizados, buscando negociar com os empregadores, reivindicando melhorias salariais, condições de trabalho e benefícios. Realizavam greves, protestos e outras formas de ação coletiva para pressionar por mudanças. Em muitos países, os sindicatos desempenharam um papel fundamental na conquista de direitos trabalhistas, como a limitação da jornada de trabalho, a proibição do trabalho infantil, a garantia de condições de trabalho seguro e o estabelecimento do salário mínimo. Atualmente, os sindicatos continuam a existir em diversos países e setores, representando os interesses dos trabalhadores. Além dos sindicatos, o Estado também cumpre um papel importante na formulação e implementação de políticas públicas voltadas para a promoção do bem-estar e da igualdade social.

A Organização das Nações Unidas (ONU), criada em 24 de outubro de 1945 por exemplo, como instituição internacional, busca promover a paz, os direitos humanos e o desenvolvimento sustentável em todo o mundo. Um dos principais objetivos dessa instituição, é a redução das desigualdades em todas as suas formas, sejam elas econômicas, sociais, de gênero, etc. Para abordar as desigualdades, em 2015 a ONU lançou a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, um plano de ação global que estabelece 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) que vão desde a eliminação da pobreza até a promoção da igualdade de gênero e a ação contra as mudanças climáticas. Dentre os ODS, o item 10 é bem específico quanto a redução das desigualdades, e tem como objetivo reduzi-la dentro e entre os países, promovendo a inclusão social, econômica e política de todos os indivíduos. Isso envolve medidas como o apoio aos países em desenvolvimento e a implementação de políticas que promovam a igualdade de oportunidades.

No Brasil é responsabilidade do Estado garantir o acesso aos direitos básicos, como saúde, educação, moradia, alimentação e trabalho, visando reduzir as desigualdades e minimizar as condições de vulnerabilidade. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁷, a

⁷ Lei que estabelece os direitos e deveres das crianças e dos adolescentes no Brasil. Ela busca proteger essa parcela da população em situação de vulnerabilidade, garantindo-lhes acesso à educação, saúde, lazer, proteção contra o trabalho infantil e exploração, entre outros direitos.

Lei Maria da Penha⁸, a Política Nacional de Assistência Social (PNAS)⁹ e o Bolsa Família¹⁰ são exemplos dessas políticas implementadas para combater a vulnerabilidade social brasileira.

O Estado passa a ser o regulador, propiciando políticas públicas e sociais para diminuição das desigualdades, para que os indivíduos alcance sua autonomia e liberdade através da minimização da desigualdade social e da garantia do acesso aos bens necessários para seu desenvolvimento. Resultando assim na equidade, que só será possível tratando os desiguais de maneira desigual. Não podemos nos esquecer de que muito já foi feito para minimização das desigualdades sociais presentes no Brasil. (CRISÓSTOMO E ALVES, 2013. Revista digital.)

Além do mais, a sociedade como um todo, incluindo organizações da sociedade civil, setor privado e cidadãos individuais, também desempenham um papel importante nesse processo. Principalmente, a conscientização e o engajamento da população são fundamentais para pressionar o Estado e as empresas a agirem de forma responsável e priorizarem a redução das desigualdades. Essa força coletiva é essencial para promover a justiça social, garantir o acesso aos direitos básicos e construir uma sociedade mais igualitária e inclusiva. Ainda assim, para romper completamente com esse tipo de situação, o rompimento primordial deve ser com o sistema socioeconômico que os cria.

1.1 - INFÂNCIA E VULNERABILIDADE SOCIAL

O surgimento da infância como uma fase distinta da vida, social e culturalmente reconhecida, é um acontecimento relativamente recente na história da humanidade. Desde os primórdios da formação do que se entende hoje como sociedade ocidental, situações de vulnerabilidade sempre foi um “bicho-papão” para o bem estar das crianças. Isso se deve em grande parte à forma que as crianças ocupavam seu espaço na sociedade. Nesse contexto ocidental, Phillippe Àires em sua obra “História Social da Criança e da Família” (1960) argumentou que as crianças eram vistas como pequenos adultos que podiam ser utilizados para o trabalho e eram consideradas como recursos econômicos para suprir as necessidades da família, principalmente as de baixa renda.

⁸ Legislação que visa combater a violência doméstica e familiar contra a mulher. Ela estabelece medidas de proteção, como a criação de delegacias especializadas, casas-abrigo, medidas de afastamento do agressor, entre outras ações para garantir a segurança e os direitos das mulheres em situação de vulnerabilidade.

⁹ Política pública que estabelece diretrizes para a assistência social no Brasil. Ela busca garantir o acesso a serviços, benefícios e programas que visam promover a proteção social e reduzir as desigualdades, atendendo especialmente às pessoas em situação de vulnerabilidade, como idosos, pessoas com deficiência, famílias em situação de pobreza, etc.

¹⁰ Iniciativa do governo federal que visa combater a pobreza e a vulnerabilidade social por meio da transferência de renda para famílias de baixa renda.

As diversas sociedades, nos diferentes contextos históricos, consideram as infâncias de modo variados, o que resulta em várias concepções que produzem o ser criança. Dessa maneira, meninas e meninos de pouca idade acabam se conformando com um jeito de ser para se adequar ao mundo adulto e aprender os significados da vida em sociedade. (SARMENTO, 2005 apud ALMEIDA, 2022, pág 26).

Então, no século XVIII, na Europa, surgiu o movimento iluminista, um período intelectual e filosófico que enfatizava a importância da razão, da ciência, do progresso e dos direitos individuais. Esse movimento foi impulsionado por mudanças sociais, filosóficas e políticas que desafiaram concepções antigas sobre as crianças, defendendo que elas possuíam necessidades e direitos próprios. Logo, a partir da segunda metade do século XIX, esse movimento se intensificou, com o surgimento de pensadores e autores que passaram a perceber a infância como uma fase da vida distinta, com características, abordagens e necessidades próprias que requerem atenção, tratamento adequado e proteção contra exploração e abuso.

Traremos aqui alguns nomes que muito contribuíram para essa mudança de perspectiva. Jane Addams (1860 - 1935), filantropa e reformadora social americana que fundou a Hull House¹¹, um centro de assistência social em Chicago em 1889, acreditava que a educação e o bem-estar das crianças eram fundamentais para o progresso social e trabalhou para melhorar as condições de vida de crianças pobres na cidade. Outro autor que contribuiu para esse novo olhar foi John Dewey (1859 - 1952), filósofo e educador americano, que em sua obra “Vida e Educação” (1978) defendeu a importância da educação na formação da personalidade e do caráter das crianças. Ele argumentava que as escolas deveriam ser mais do que simples locais de transmissão de conhecimento, mas que estes tinham papel fundamental na preparação das crianças para se tornarem cidadãos críticos e ativos na sociedade. ALMEIDA (2016, pág. 38) afirma que, “a criança é um cidadão de direitos e um sujeito sócio-histórico cultural que desenvolve, ao mesmo tempo e de maneira inter-relacionada, seus aspectos corporal, emocional, social e intelectual. Ao afirmá-la como cidadã de direito, estamos considerando os direitos garantidos por lei de maneira intransferível e igualitária a todas as crianças.”

Isso significa valorizar os conhecimentos que a criança traz de seu meio sociocultural e considerar como ela atua, reage e (re)cria (n)os contextos em que vive. Além disso, compreendê-la como sujeito é reconhecê-la como protagonista de suas experiências. Dessa forma, é preciso ouvi-la, observá-la e perceber o significado de seus movimentos e passividades. (ALMEIDA, 2016. Pág 39)

¹¹ É uma casa de abrigo e atividades sociais e culturais dos Estados Unidos, localizada no lado oeste da cidade de Chicago.

No Brasil também tivemos importantes nomes que contribuíram para a construção dessa concepção de criança como sujeito específico. Obras como “O Processo Civilizatório” (1968) de Darcy Ribeiro (1922 - 1997), “Pedagogia da Autonomia” (1996) de Paulo Freire (1921 - 1997) e a “Alegria de Ensinar” (1982) de Rubem Alves (1933 - 2014), são exemplos de estudos que defendem a importância da educação como instrumento de emancipação e formação de cidadãos críticos e conscientes.

O UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância, criado em 11 de dezembro de 1946, pela Assembleia Geral das Nações Unidas, teve como objetivo inicial criar um fundo emergencial para fornecer assistência humanitária às crianças afetadas pela Segunda Guerra Mundial. Desde então, o UNICEF ampliou suas ações tornando-se um programa permanente e ampliando seu objetivo: melhorar a vida das crianças em todo o mundo. Assim, desde a sua criação, a organização trabalha incansavelmente para promover os direitos e o bem-estar delas, fornecendo serviços de saúde, nutrição, proteção e educação para crianças e famílias em países em desenvolvimento e em situações de emergência.

O UNICEF recebeu da Assembleia Geral das Nações Unidas o mandato de fazer gestões pela proteção dos direitos das crianças, ajudando-as a satisfazer suas necessidades básicas e a expandir suas oportunidades de pleno desenvolvimento. (UNICEF Brasil).

A organização também trabalha para melhorar políticas e práticas relacionadas à infância em nível global, nacional e local, aumentando a conscientização sobre questões que afetam crianças em todo o mundo. De acordo com dados da própria UNICEF, numa coleta feita em fevereiro de 2023, cerca de 32 milhões de crianças no Brasil vivem em situação de pobreza ou vulnerabilidade social. Essas crianças enfrentam uma série de desafios, como falta de acesso à educação, saúde, alimentação adequada, moradia digna e proteção contra a violência, o abuso e a exploração. A UNICEF também aponta que tais situações na infância podem ter efeitos duradouros na vida das crianças, podendo resultar em desnutrição, doenças crônicas, deficiências de crescimento, dificuldades no desenvolvimento de habilidades cognitivas, comunicação, emocionais e muitas outras limitações.

No Brasil políticas públicas para a infância ganharam força principalmente a partir da década de 1980, com a redemocratização do país e a promulgação da nova Constituição de 1988. Esta estabeleceu os direitos fundamentais da criança e do adolescente. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), reconhece a infância como um período fundamental do

desenvolvimento humano e garante à criança o direito à educação, saúde, proteção e participação social.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sancionado em 13 de julho de 1990, é o principal instrumento normativo do Brasil sobre os direitos da criança e do adolescente. O ECA incorporou os avanços preconizados na Convenção sobre os Direitos da Criança das Nações Unidas e trouxe o caminho para se concretizar o Artigo 227 da Constituição Federal, que determinou direitos e garantias fundamentais a crianças e adolescentes. (Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, 2021, pág. 9)

Uma das principais ações do ECA foi a criação dos Conselhos Tutelares (Estatuto da Criança e do Adolescente, Capítulo V, título V, 1990) em todo o país. Esses órgãos têm características de permanência e autonomia e são formados por cinco membros eleitos pela comunidade local para um mandato de quatro anos e são encarregados de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, definidos na Constituição Federal e no próprio ECA. Os Conselhos Tutelares desempenham um papel fundamental na proteção e no bem-estar das crianças e adolescentes brasileiros, especialmente aqueles em situação de vulnerabilidade social, como os que sofrem violência doméstica, abuso e exploração sexual, negligência e outras formas de violência. Esses órgãos têm a responsabilidade de atuar de forma preventiva e protetiva, buscando soluções para os problemas enfrentados pelas crianças e adolescentes, em parceria com a família, a comunidade e outras instituições públicas e privadas.

§ 2º As famílias identificadas nas redes de saúde, educação e assistência social e nos órgãos do Sistema de Garantia dos Direitos da Criança e do Adolescente que se encontrem em situação de vulnerabilidade e de risco ou com direitos violados para exercer seu papel protetivo de cuidado e educação da criança na primeira infância, bem como as que têm crianças com indicadores de risco ou deficiência, terão prioridade nas políticas sociais públicas. (LEI Nº 13.257, DE 8 DE MARÇO DE 2016, Art. 14)

Vimos que o reconhecimento da infância como uma fase única do ser humano tem evoluído significativamente. Desde a concepção das crianças como pequenos adultos exploráveis até o surgimento do movimento iluminista e o trabalho de pensadores, reformadores sociais, intelectuais, organizações etc, houve uma mudança de perspectiva crucial para a defesa dos direitos e do bem-estar das crianças em todo o mundo, incluindo o Brasil. É claro que ainda existem inúmeros desafios a serem enfrentados. E uma das formas que se pode enfrentar esses desafios é através da arte. No próximo capítulo, abordaremos como ela pode contribuir de maneira significativa nesse intento.

CAPÍTULO 02 - ARTE/DANÇA: AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Muitos pensadores de diversas épocas já sabiam da importância das artes para a humanidade, se debruçando em estudos, escritos e reflexões sobre o tema. O filósofo alemão Kant (1724-1804) abordou em sua obra “Crítica da Faculdade do Juízo” (1790), elementos sobre a estética e a importância da arte. Um dos pontos abordados era que a arte era uma forma de comunicação que despertava sentimentos e emoções universais nos espectadores. Já Walter Benjamin (1892-1940), filósofo e teórico cultural alemão, em sua obra “A Obra de Arte na era de sua Reprodutibilidade Técnica” (1936) abordou que a arte tem o potencial de tratar a verdade oculta da realidade social e política. Ele via a arte como uma forma de resistência e transformação, capaz de questionar as estruturas de poder e despertar a consciência crítica.

Não há dúvidas de que a arte tem o poder de impactar a sociedade em diversas áreas, tais como: educação, saúde, economia, desenvolvimento social etc. É por meio de diversas formas de expressões artísticas que as pessoas conseguem se comunicar e se expressar de maneira única, compartilhar ideias, emoções e mensagens. Elas são importante meio de conexão com nossas histórias e culturas, tornando-nos seres mais conscientes da realidade ao nosso redor.

Na educação, a arte desempenha um papel fundamental, pois é uma forma potente de expressão que possibilita aos estudantes se comunicarem e expandirem suas ideias e emoções de maneira singular. Por meio da arte é possível, ainda, que a imaginação e o desenvolvimento de habilidades crítica e criativa sejam estimulados, de forma que o educando se torne mais autônomo, reflexivo e livre.

A utilização das artes para promoção da saúde e do bem-estar é outro campo de pesquisa em franco desenvolvimento. Estudos têm demonstrado, por exemplo, que determinados tipos de música podem reduzir o estresse e a ansiedade, enquanto a dança pode melhorar a forma física e a coordenação motora. A arte é, também, muito utilizada na recuperação de pacientes com doenças crônicas e problemas de saúde mental. Anna Halprin (1920 - 2021), coreógrafa e terapeuta norte-americana, estudou a dança como meio de expressão pessoal e terapêutica, desenvolvendo práticas de dança que visam a melhoria da saúde física e emocional.

Já no âmbito econômico, a Arte é parte da engrenagem que move diversas oportunidades de negócios em diversos setores, mas principalmente do entretenimento. É válido pontuar que num contexto de uma sociedade baseada no consumo, a Arte, muitas vezes, é tratada como mercadoria, sendo também, elemento de alienação, mecanismo de controle e promotora de desigualdades sociais. Contudo, vale ressaltar que esses pontos mencionados acima, não são o objetivo do presente trabalho, mas servem como um ponto de contextualização das nossas reflexões.

Outro elemento contido na Arte, e muita das vezes, deliberadamente negligenciado é a capacidade de construção e fortalecimento social. Quando uma comunidade semeia, nutre, celebra e compartilha suas expressões artísticas, suas identidades e valores são cada vez mais consolidados.

Existem vários pesquisadores que estudam as relações entre a dança e seus impactos na sociedade, investigam como a dança é influenciada por diversos fatores, tais como: classe, gênero, raça e identidade cultural, e como a dança, por sua vez, influencia a cultura e a sociedade. Esses estudos podem ter diferentes objetivos, desde entender a dinâmica social e cultural de um grupo específico até analisar a relação entre dança e poder, ou examinar como a dança pode ser utilizada como meio de resistência ou de promoção da inclusão social. Susan Foster (1949 - atual), por exemplo, crítica de dança e professora norte-americana, estuda a dança como forma de construção de identidades culturais, com enfoque nas questões políticas e sociais.

A noção de “coreografia de protesto”, da coreógrafa e pesquisadora Susan Foster (2003), vai no mesmo sentido de questionar as distinções entre pensamento x ação e ação simbólica x física que povoam os estudos sobre movimentos sociais. Para ela, o corpo é um articulador de sentidos e criador de interferências e, por isso, não é possível considerar seriamente as táticas de um protesto sem falar da sua fisicalidade ou de suas coreografias. Atentar para a dimensão coreográfica dos movimentos sociais é, portanto, atentar para a dimensão de agência dos ativistas, para o modo pelo qual transformam seus corpos em artefato político. (FOSTER, 2003 apud GOMES, 2018. Pág 7)

Têm-se, também, Pierre Bourdieu (1930 - 2002), um importante sociólogo francês, que estudou a dança como uma prática cultural e social. Em sua obra “Coisas Ditas” (1990), Bourdieu trouxe a ideia de que a dança podia ser utilizada como meio de distinção e de reafirmação de posições sociais e culturais. Em “A Economia das Trocas Simbólicas” (1979) Bourdieu aborda que a dança é um campo de batalha simbólico, em que diferentes grupos sociais lutam pelo poder e pela legitimação cultural. Ele observava a dança como um meio de

comunicação não-verbal que pode mediar uma série de mensagens simbólicas e culturais. Acreditava que a dança pode ser utilizada para expressar uma série de valores culturais e estéticos. Ao mesmo tempo, defendia que a dança pode ser utilizada como meio de distinção social, permitindo que determinados grupos afirmem sua posição social e cultural em relação a outros grupos.

Portanto, como mencionado anteriormente, a arte exerce um poder transformador na sociedade abrangendo diferentes áreas e, nesse contexto, a dança se destaca como uma forma de expressão artística que desempenha um papel fundamental, inclusive na infância. Nessa perspectiva, a seguir, exploraremos sobre a importância da dança na infância, seu impacto no crescimento e no desenvolvimento das crianças, bem como as possibilidades e benefícios que essa forma de expressão artística pode oferecer.

2.1 - INFÂNCIA E DANÇA

Ao longo da história, o ser humano encontrou na dança uma forma de comunicar, celebrar, narrar histórias e expressar suas emoções, através do corpo, dos ritos e do movimento. Como não podia deixar de ser, isso não se limitava ao mundo dos adultos. As crianças também estavam incluídas nesse contexto.

Em muitas culturas, a dança tem raiz nas tradições folclóricas, que se perpetuam de geração em geração. Contam histórias do passado, lendas e mitos, mantendo viva a cultura e identidade de um povo, de uma comunidade. No Brasil, por exemplo, é comum as crianças serem vistas no aconchego das festas familiares, populares, nas danças tradicionais, nas rodas de recreios das escolas, ou acompanhando os passos de seus ancestrais, como no samba de roda, nas folias, no frevo, na ciranda, no carimbó, etc, e ao mesmo tempo em que, despretensiosamente mergulham na história e no patrimônio de sua comunidade. Nesse sentido, podemos perceber que a dança exerce um papel valioso na construção e no desenvolvimento cultural da criança, já que elas têm a oportunidade não só de conectar, mas de se ver inserida em um meio que valoriza, compartilha e se orgulha de suas raízes.

Para além da contribuição no âmbito cultural, a dança desempenha um papel significativo no desenvolvimento global da criança, influenciando aspectos cognitivos, emocionais e físicos, permitindo que as crianças explorem seus corpos, desenvolvam habilidades motoras, aprimorem a consciência corporal e fortaleçam a coordenação.

Teóricos e pesquisadores do desenvolvimento na infância, como Lev Vygotsky (1896-1934), Jean Piaget (1896-1980) e Henri Wallon (1879-1962), também reconheceram a importância da dança na formação das crianças. Piaget na obra “Construção do Real na Criança” (1996), enfatizou a importância do movimento e da ação na construção do conhecimento. Ele argumentou que a criança adquire conhecimento do mundo por meio de suas interações físicas e manipulação de objetos. E a dança possibilita que as crianças explorem de forma lúdica seu ambiente físico, desenvolvendo sua capacidade de observar, experimentar e descobrir.

Por outro lado, Wallon em “As origens do Pensamento na Criança” (1989), destacou a importância do aspecto emocional no desenvolvimento infantil. Ele afirmou que as emoções estão intrinsecamente ligadas às ações e ao movimento, e que a expressão emocional através do corpo é essencial para o desenvolvimento saudável da criança. Por isso, a dança, como uma forma de expressão corporal, permite que as crianças experimentem, comuniquem e expressem uma série de emoções, promovendo o desenvolvimento emocional e o autoconhecimento.

A dança é um tipo de linguagem artística, é um sistema de signos que permite a comunicação por meio do corpo e do movimento. Isso significa que ela possui um conjunto organizado de elementos com possibilidades de combinação que produzem significado. (ALMEIDA, 2016, pág 33)

A dança também proporciona um ambiente de interação social, estimula o trabalho em equipe, o respeito mútuo e a cooperação. Através da dança, as crianças aprendem a se comunicar não apenas verbalmente, mas também por meio do movimento e da linguagem corporal, desenvolvendo habilidades de comunicação não verbal.

Nas propostas de articulação entre a dança e a sociedade devemos nos lembrar da importância de fazer com que as crianças percebam que seus corpos também são articulados e conectados ao mundo, à sociedade, às pessoas; é muito importante para que elas percebam, compreendam e saibam opinar/agir sobre as dinâmicas das interações sociais em que vivem. (MARQUES, 2012, pág. 100)

Já do ponto de vista físico, a dança pode contribuir para o desenvolvimento da força muscular, flexibilidade, equilíbrio e resistência das crianças. Elas podem promover/construir uma postura mais saudável, melhorando a coordenação motora e estimulando o sistema cardiovascular.

Quando ligada aos conceitos da integração sensorial, a dança é um meio excelente para desenvolver as capacidades perceptivo motoras e a consciência espacial e corporal, permitindo explorar as capacidades e limitações do próprio corpo. Pela

dança a criança facilita o desenvolvimento de uma imagem corporal, de consciência cinestésica, de posição e movimento no espaço, além do equilíbrio e postura. (LIMA, 2002 apud JÚNIOR. pág 9)

Como abordado ao longo deste capítulo, fica evidente que a arte, e aqui mais especificamente a dança, desempenha um papel relevante na vida das crianças, influenciando em seu desenvolvimento de forma geral. Portanto, investir na dança na infância é também investir no ser integral e no bem estar das crianças, contribuindo para a formação de indivíduos mais conscientes, criativos e socialmente comprometidos.

CAPÍTULO 03 - MÃO NA MASSA

Quando cursei o componente curricular TCC I, da Licenciatura em Dança, do IFG Aparecida de Goiânia, durante o primeiro semestre de 2022, sob a orientação do professor Germano Lopes, um dos pré-requisitos para o cumprimento da disciplina era a elaboração de um projeto de pesquisa. Por conta de toda a minha trajetória, a temática escolhida estava muito clara para mim: Dança, Infância e vulnerabilidade Social. Sendo o objetivo principal a promoção de experiências artísticas às crianças do abrigo Lar Maria de Nazaré e a reflexão sobre os possíveis impactos decorrentes dessas vivências.

Com isso em mente, organizei o cronograma que incluía visitas técnicas ao campo escolhido para entrevistar a pessoa responsável pela instituição e coletar dados (quantidade de crianças e suas faixas etárias, quais acompanhamentos as crianças recebiam, contextos familiares e qual o funcionamento geral do abrigo). Após a coleta desses dados, uma análise foi feita respeitando as disponibilidades de horários das crianças e da instituição, e então organizei os dias e horários para as oficinas práticas formando um grupo de crianças, numa média de 8 crianças, com faixa etária entre 3 a 7 anos.

Em Julho iniciei as vivências práticas no abrigo. Naquele mês, havia apenas 3 crianças, pois outras que estavam abrigadas anteriormente, foram reintegradas para suas famílias. Então, dona Genídes de Araújo, diretora responsável pelo abrigo, decidiu convidar os filhos das funcionárias para participarem das oficinas.

No mês de outubro houve muita inconstância no que se refere a frequência das crianças. O motivo, foi o retorno das atividades escolares e a impossibilidade de continuarem nas oficinas, pelo fato de que as escolas em que elas estudavam eram no modelo de tempo integral. Desta forma, não foi possível cumprir o cronograma proposto anteriormente para as

oficinas. Senti que o objetivo inicial da pesquisa corria um sério risco de não ser atingido. Não havia material prático coletado o suficiente para uma reflexão minimamente embasada. Uma mudança no percurso seria necessária. Foi então que, após algumas reflexões, percebi que eu já havia feito trabalhos semelhantes à minha proposta de pesquisa.

Nas disciplinas de estágio temos a oportunidade de aplicar em diversos ambientes uma prática docente orientada. Dentro da proposta do PPC do Curso de Licenciatura em Dança do IFG/Aparecida de Goiânia, as disciplinas de estágio têm por objetivo dentre outros pontos a possibilidade de aplicar as competências e habilidades construídas ao longo de todo o aprendizado acadêmico, bem como confrontar vivências com conhecimentos teóricos. Assim, decidi incluir tais vivências e experiências que tive na disciplina de Estágio I, cursada no período de 2022/1. A escolha desse estágio em específico, se deu em razão do campo de atuação ser em espaços não-formais e informais, o que abre um leque de possibilidades que inclui diversos tipos de lugares. Nesse caso, como a ação foi em um condomínio inserido em um contexto periférico da cidade de Aparecida de Goiânia - GO, ela se encaixou no que se precisava para os objetivos desta pesquisa.

Na disciplina trabalhei com minha colega de turma Polliana Gouveia que atua em um CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) em Aparecida de Goiânia. Tínhamos em comum, além das inseguranças e medos, (In)experiências, desejo e afinidade com o público infantil. Pensar na docência naquele momento foi bastante desafiador, já que seria minha primeira e única experiência prática presencial durante a graduação, pois devido a pandemia, o estágio I que seria iniciado, de fato não ocorreu. Quando a faculdade aderiu ao sistema remoto, de acordo com as disponibilidades, cursei os outros estágios (II, III e IV) no formato online. Então somente quando retornamos às aulas presenciais é que cursei o estágio I.

Outra questão a ser observada foi que, antes do meu ingresso na faculdade, não tive nenhuma vivência com alguma técnica específica de dança. Então, mesmo com as vivências em diferentes tipos de dança que recebemos no decorrer do curso, e ciente de que a dança não se resume a passos codificados, por muitas vezes tive sentimentos de incapacidade e insegurança. Por esses motivos, optei por levar como recurso de ensino para as intervenções, elementos que vivi em aulas teórico-práticas na faculdade e também brincadeiras da minha infância, respaldadas pela proposta de dança-educação que FARIA e SALLES (2007) trazem:

(...) situações que provoquem a atividade infantil, a descoberta, o envolvimento em brincadeiras e explorações com companheiros. Deve priorizar o desenvolvimento da imaginação, do raciocínio e da linguagem, como instrumentos básicos para a

criança se apropriar de conhecimentos elaborados em seu meio social, buscando explicações sobre o que ocorre à sua volta e consigo mesma. Esses pontos irão certamente contribuir para que o desenvolvimento infantil se faça em direções mais críticas, afetuosas, lúdicas, colaborativas e solidárias. (FARIA e SALLES, 2007, apud ALMEIDA, 2016. Pág 106)

Dessa forma, aproveitei os dois espaços disponíveis para o desenvolvimento do trabalho. Mantive o mesmo recorte de idade e apresentei as mesmas propostas de brincadeiras e atividades em ambos os locais, mas com flexibilidade para lidar com imprevistos que pudessem surgir.

3.1 – ESTÁGIO I

Segundo o PPC - 2021 da Licenciatura em Dança, o estágio tem como objetivos principais proporcionar aos estudantes a experiência profissional relacionando teoria e prática, ampliando seus conhecimentos. O estágio também busca desenvolver competências próprias da atividade profissional, contextualizando o currículo e preparando os estudantes para a vivência consciente enquanto cidadãos para o trabalho, viabilizando assim a interação entre o IFG (Instituto Federal de Goiás) e a sociedade. O estágio curricular supervisionado em Dança envolve vivências teórico-práticas que contribuem para nossa formação acadêmica, por meio de experiências didático-pedagógicas. E é de extrema importância na formação docente, pois nos permite vivenciar diferentes processos e espaços educativos, contribuindo para a nossa formação pessoal e na formação enquanto futuros professores.

Iniciamos nossas atividades de estágio em um local que fosse próximo ao campus do IFG - Aparecida de Goiânia. Em comum acordo da turma de Estágio I com anuência da professora orientadora, decidimos por um local próximo devido a maiores possibilidades de criar e estreitar vínculos com as comunidades vizinhas ao campus. Assim, escolhemos o Condomínio Residencial Agenor Modesto I, que fica exatamente do outro lado da rua lateral ao campus. Em nossa primeira visita tivemos por objetivo conhecer os moradores e apresentar o projeto das oficinas artísticas com as crianças. Para nossa sorte, o projeto foi bem recebido pelos moradores do local incluindo o síndico.

De maneira geral, identificava-se uma realidade de carência socioeconômica entre os moradores do condomínio, inclusive, muitos foram beneficiados pelo programa de governo "Minha Casa, Minha Vida".¹²

Semanalmente, Polliana e eu organizamos as aulas pensando em abordagens acessíveis e condizentes com a realidade e vivência das crianças. Tivemos um total de 10 vivências e mais um encontro para a culminância do projeto, que se deu na forma de uma apresentação aberta, onde crianças convidadas também puderam participar (todos os planos de aula estão anexos ao fim da monografia).

A princípio, o recorte do público alvo eram crianças na faixa etária de 5 a 11 anos. Mas ao chegarmos no Condomínio, percebemos que a demanda seria diferente. Para nossa surpresa, apareceram crianças a partir de 2 anos de idade, a maioria delas acompanhando os irmãos maiores. Em média 45 crianças no total passaram pelo projeto em nossos encontros, mas tivemos em torno de 16 crianças em cada oficina, pois muitas vezes uma ou outra estava indisposta, ou se esquecia dos horários combinados.

Ocupar o espaço, também foi um lugar de enfrentamento. Nossa sala de dança era o salão de festa do condomínio, que ao contrário do que imaginávamos, era um local grande, coberto, sem paredes, e com o público (vizinhança) ao redor. Enfrentamos barulhos externos, distrações, e no início foi difícil cativar a atenção das crianças. A princípio sentimos um desejo de dominar o espaço e impor nossa presença. E então, nos lembramos de que o espaço não nos pertencia, e não era nossa intenção "conquistá-lo". Em vez disso, buscamos compartilhar conhecimentos, experiências e vivências, caso a comunidade estivesse interessada. Mas no decorrer do projeto, fomos aos poucos delimitando o espaço e aplicando outras estratégias.

Durante o projeto, fizemos rodas de conversas ao final de cada oficina ministrada para ouvir as experiências das crianças. Foi bastante comum na fala das crianças, como veremos a seguir, o desejo pelas brincadeiras e propostas em que estimulamos a imitação de animais e as cirandas, que envolviam a ludicidade e a expressividade. Percebemos que em cada escuta havia contentamento, energia, alegria por parte das crianças até mesmo aquelas que participaram de forma esporádica. Dessa forma, as experiências tiveram significado no corpo-mente e na socialização de grande parte das crianças que participaram.

¹² É um programa de habitação federal do Brasil, criado em março de 2009, que subsidia a aquisição da casa ou apartamento próprio para famílias com renda até 1,8 mil reais e facilita as condições de acesso ao imóvel para famílias com renda de até 9 mil reais.

3.1.1 – PRIMEIRA VIVÊNCIA

Em nosso primeiro encontro, marcado para às 18h do dia 31 de maio de 2022, as atividades planejadas tinham por objetivo conhecer as crianças e estimular sua consciência corporal e espacial. Quando chegamos ao salão de festas do condomínio, encontramos 18 crianças curiosas e animadas. Formamos uma grande roda e propusemos que cada uma falasse seu nome acompanhado de um movimento, buscando envolvê-las de forma lúdica e descontraída. Também nos apresentamos com movimentos e, em seguida, explicamos como seriam nossos encontros semanais. Estabelecemos, ainda, regras de convivência, como respeitar os amigos e professoras, visando garantir principalmente a segurança das crianças.

No segundo momento, realizamos um aquecimento com uma brincadeira chamada estátua. Utilizamos diferentes tipos de músicas com elementos contrastantes, principalmente aqueles ligados ao andamento musical (diferentes ritmos, melodias, dinâmicas). As crianças, então, deveriam parar quando a música fosse pausada. Além disso, elas deveriam seguir comandos de poses (como estátua de alguém correndo, com sono, gritando, etc). Nesse primeiro contato, pude perceber que as crianças estavam dispostas e respondiam de forma entusiasmada às atividades propostas.

Já no terceiro momento, incentivamos as crianças a explorarem as partes do corpo e as articulações. Infelizmente, nossos comandos não foram tão claros e as crianças ficaram um pouco confusas, o que acabou resultando em uma perda de atenção. Rapidamente, elas se dispersaram, e foi difícil retomar a conexão, principalmente porque o salão de festas estava rodeado de vizinhos observando nossa interação com as crianças e, além disso, eu e a Polliana ainda estávamos um pouco tímidas em relação à experiência. Ficou claro que a falta de clareza na comunicação dificultou o resultado que esperávamos das crianças. Apesar de que esse não era o motivo principal da vivência, ter essa percepção foi importante para as próximas vivências e também para minha formação. Então, para reconectar o grupo, formamos novamente uma grande roda e ensinamos a cantiga "Quem Te Ensinou a Nadar"¹³, o que se mostrou bastante eficaz. Por fim, distribuímos folhas de papel e lápis para que cada criança pudesse escrever ou desenhar suas impressões sobre a vivência.

Nessa vivência podemos perceber que as crianças demonstraram curiosidade e que estavam disponíveis para participar das atividades propostas. Percebemos também que

¹³ "Quem te ensinou a nadar" é uma conhecida cantiga popular brasileira. Ela faz parte do repertório de canções infantis e é frequentemente cantada em brincadeiras de roda e atividades escolares.

nossa abordagem em levar brincadeiras e atividades lúdicas tornou o ambiente mais interessante e as crianças mais interessadas. Além disso, a experiência de perder a atenção das crianças devido a nossa falta de clareza na comunicação nos mostrou que elas podem se dispersar facilmente quando não entendem as instruções ou não têm clareza do que é esperado delas e que as distrações externas desfavorecem na concentração das crianças. Então projetamos que os próximos desafios seriam melhorar nossa comunicação com as crianças e pensar formas de manter a concentração das crianças no local das vivências.

3.1.2 – SEGUNDA VIVÊNCIA

Na segunda semana, dia 07 de junho de 2022, tínhamos por objetivo, primeiramente melhorar nossa comunicação e depois estabelecer atividades que relacionassem a consciência corporal e ampliação de repertório motor das crianças. Nesse encontro, 14 crianças estiveram presentes.

No primeiro momento, nosso colega de estágio Ysaías Cardoso nos auxiliou na construção de sequências básicas de movimento baseadas em Laban¹⁴ (1879-1958) , para ampliar o repertório de movimento das crianças.

Já no segundo momento, pedimos para que as crianças imaginassem o corpo como um pincel, onde elas iriam fazer desenhos livres pelo espaço enfatizando alguma parte do corpo (desenhar com o nariz, cotovelo, pé, bumbum, ombro, orelha, joelho). Em alguns momentos demos comandos repentinos, tais como: pausa, acelerar ou desacelerar o movimento. As crianças demonstraram bastante empolgação durante a atividade. Essa atividade também foi importante para que elas aprendessem os nomes de algumas partes do corpo, antes para elas desconhecidas.

No último momento, fizemos nossa roda de conversa onde as crianças falaram o que mais gostaram durante a vivência. Lidar com o espaço e as distrações ainda foi um fator desafiador nesse dia.

Notamos uma melhoria significativa na nossa comunicação, que se tornou mais clara e objetiva. Isso contribuiu para uma redução na dispersão das crianças ao longo das atividades. Além disso, ao realizarmos a roda de conversa, percebemos que nem sempre os comentários das crianças estavam diretamente relacionados com a experiência do dia. No

¹⁴ Laban foi um renomado coreógrafo, dançarino e teórico da dança, nascido em 1879 em Bratislava. Fez diversos estudos acerca do movimento humano e foi considerado o maior teórico da dança do século XX.

entanto, o simples fato de serem ouvidas parecia trazer uma mudança perceptível em suas posturas, refletida em seus olhares e em seus corpos. Era como se elas se sentissem valorizadas.

3.1.3 – TERCEIRA VIVÊNCIA

Nossa terceira vivência ocorreu em 14 de junho de 2022, com um total de 18 crianças. Nosso objetivo era limitar o espaço do salão onde aconteceram as vivências, pois este era muito amplo e sem paredes, dificultando o controle das crianças que iam chegando e saindo. Além disso, queríamos criar uma rotina que lhes desse uma previsão do que aconteceria durante as atividades, facilitando a organização e comunicação. Eu e Polliana estabelecemos essa rotina com base em atividades que já haviam funcionado anteriormente, de maneira lúdica e objetiva. Dividimos a vivência em três momentos: primeiro, um aquecimento para enfatizar a consciência corporal; segundo, um jogo ou uma sequência de movimentos com um objetivo específico do dia; terceiro, uma cantiga de roda para preservar tradições culturais, seguida de uma roda de conversa para ouvir as impressões das crianças.

Neste dia, chegamos com antecedência ao salão e começamos a delimitar o espaço com lápis de cor para facilitar a interação com as crianças. Elas foram chegando aos poucos e nos ajudaram na organização. Após organizar o espaço e explicar o motivo para as crianças, seguimos com nossa rotina. Polliana conduziu o aquecimento usando a música "Meu corpo sabe dançar"¹⁵, para que as crianças movimentassem as articulações do corpo enquanto cantavam.

No segundo momento, propus uma sequência dançada de movimentos básicos com as crianças e utilizei a parte instrumental da música Ciranda da banda "Palavra Cantada".¹⁶ Comecei com uma sequência sem música, enquanto conduzia com palavras simples qual deveria ser a forma, o peso e o tônus daquele movimento no corpo. Enquanto isso, as crianças reproduziam e experimentavam aquele mesmo movimento no corpo delas. Depois que elas gravaram a sequência, fizemos com a música. Foi um momento de bastante

¹⁵ Música que a Polliana trouxe das vivências do CMEI onde ela trabalha, que promove o alongamento e das partes do corpo de forma lúdica. A música é uma adaptação feita pela professora do canal no Youtube "Yoga para crianças" Kali Ananda, a partir da música original "Brincadeiras de mãos - As mãozinhas" da pedagoga Rita Santarém.

¹⁶ A banda Palavra Cantada foi criada em 1994 por dois músicos: Sandra Peres e Paulo Tatit. É reconhecida por canções que valorizam a infância, e Ciranda como parte do repertório, aborda temas da natureza e brincadeiras infantis.

concentração. Percebi que quando uma criança esquecia algum movimento ou a sequência, outra criança auxiliava! Notei, também, que isso gerava um senso de coletivo entre as crianças. Mantivemos a música de fundo, formamos duplas e entregamos um elástico para que cada criança segurasse uma ponta, experimentando movimentos enquanto mantinham o elástico esticado. Elas exploraram os níveis baixo, médio e alto e interagiram umas com as outras sem resistências. Foi muito gratificante perceber que, aos poucos, estávamos nos conectando mais com as crianças e com a comunidade.

No final, cantamos a cantiga de roda que cantamos na primeira vivência e realizamos uma roda de conversa para ouvir as impressões das crianças. O que mais ouvimos foi que haviam gostado da dança (sequência) e de brincar de colocar os lápis no chão (momento em que delimitamos o salão).

3.1.4 – QUARTA E QUINTA VIVÊNCIA

O quarto e quinto encontro com as crianças, aconteceram nos dias 28 de Junho e 05 de Julho de 2022 respectivamente. Tivemos uma média de 16 crianças. Colocamos novamente os lápis marcando nosso espaço. Repetimos também o aquecimento da aula anterior e a sequência dançada, mas dessa vez colocando mais alguns elementos misturando com algumas sugestões que as crianças trouxeram, assim como alternando o andamento da música (mais lento, mais rápido).

A maioria das crianças que estavam presentes na aula anterior, tiveram facilidade em lembrar as movimentações já estabelecidas. Percebemos que a repetição da rotina, gerou um ambiente mais controlado e organizado. Isso porque a rotina na infância gera um ambiente previsível e seguro para as crianças se desenvolverem, segundo alguns estudiosos sobre o desenvolvimento infantil, como Maria C. S. Barbosa em sua obra “A Rotina nas Pedagogias da Educação Infantil: dos binarismos à complexidade” (2006), por exemplo.

No segundo momento do quarto encontro, amarramos um cordão de uma ponta a outra no espaço do salão, para que as crianças passassem por baixo imitando animais correspondentes aos níveis propostos no cordão: baixo, médio e alto com o objetivo de favorecer o reconhecimento das estruturas espaciais. Já no quinto encontro, propusemos a famosa cantiga “Escravos de Jó”. Em roda pulamos com as crianças na pulsação da música para vivenciar possibilidades de percepção rítmica. Foi bem divertido! Eu e a Poliana revezamos nossas conduções e participações junto com as crianças em todas as vivências.

No final, fizemos uma roda de conversa para ouvirmos as crianças. Notamos que a maioria delas mencionou que a parte mais empolgante foi quando brincaram de animais (imitações), e percebemos o quanto essas brincadeiras promovem a expansão das habilidades expressivas e motoras das crianças. Elas se entregam completamente ao faz de conta e se movimentam de forma mais livre e se expressam de maneira mais intensa.

3.1.5 – SEXTA VIVÊNCIA

Nesse encontro, que aconteceu no dia 12 de Julho de 2022, recebemos 14 crianças e observando o comportamento delas, percebi que estavam num estado de euforia e agitação! Havíamos delimitado o espaço com bolinhas coloridas de papel pregadas no chão para marcar o local de cada criança. Não deu muito certo. Logo as bolinhas desgrudaram e as crianças iam se distraíndo. Nosso objetivo era manter a rotina estabelecida, porém por conta do tempo que havíamos perdido com a distração das bolinhas, decidimos começar o nosso aquecimento com a dinâmica dos Escravos de Jó em roda. Experimentamos cantar batendo palmas e incrementando algumas movimentações. Percebemos que a cada vez que repetimos essa dinâmica, a expressão rítmica se tornava mais evidente no corpo das crianças. Então, no segundo momento, aproveitamos a energia das crianças para relembrar a sequência dançada e logo elas se reconectaram com as atividades que estávamos propondo.

Por fim, fizemos a roda de conversa para ouvirmos as impressões das crianças. Nesse dia, a cantiga dos Escravos de Jó foi a favorita pela maioria das crianças.

3.1.6 – SÉTIMA VIVÊNCIA

Nossa sétima vivência aconteceu no dia 19 de Julho de 2022 e tivemos 15 crianças participando. Desta vez, delimitamos o espaço com fitilhos ao invés dos lápis ou bolinhas. Funcionou! Um detalhe importante, é que, muitas vezes, as crianças começavam a participar da aula e era atraída por outras crianças que brincavam nos arredores do salão. Por isso, frequentemente acontecia de ter certa quantidade no início da aula e outra no fim (para mais ou para menos). Dependendo do interesse das nossas atividades propostas, as crianças que estavam participando saíam para convidar as que estavam aos arredores para entrar na nossa “brincadeira”.

No primeiro momento, Polliana conduziu o alongamento e aquecimento explorando as articulações. Em seguida, iniciei a brincadeira “o mestre mandou¹⁷” em que exploramos os níveis (baixo, médio e alto) e o tempo (acelerado e desacelerado) através da imitação de animais. As crianças se identificaram com a brincadeira de tal forma que surgiram no espaço vários sons de leões, sapos, cobras, peixes... Então, levamos a brincadeira para um momento onde as crianças pudessem relaxar e respirar com comandos do tipo: “o mestre mandou” ser uma sementinha bem pequenininha, até “o mestre mandou dormir”. Aproveitei que as crianças estavam deitadas no chão, apaguei as luzes do salão e conduzi um momento de respiração e desaquecimento. Por último, fizemos a roda de conversa e novamente a maioria das crianças demonstrou bastante entusiasmo na atividade de imitar os animais.

3.1.7 – OITAVA VIVÊNCIA

Em nosso oitavo encontro, no dia 26 de Julho de 2022, tivemos 13 crianças. Polliana e eu estávamos receosas de propor uma apresentação final por conta da inconstância e do revezamento da participação das crianças semanalmente. E afinal pensamos: é mesmo importante ter uma apresentação final? A expectativa de ter um “resultado” estava nos ajudando ou atrapalhando o processo? Então começamos a propor atividades que pudessem compor a uma finalização no formato de “Apresentação Aberta”, onde as crianças pudessem se conectar ao espaço com atividades já experimentadas ao longo do projeto, mesmo sem muito ensaio e sem a expectativa de uma apresentação mais formal.

No primeiro momento, propomos a brincadeira do pique chama, onde a criança a ser pega deveria falar o nome de outra criança para ser pega em seu lugar, estimulando a concentração e a memória. Elas ficaram bem cansadas, então fizemos uma roda e cantamos a cantiga “Se eu fosse um peixinho”¹⁸. No terceiro momento, distribuímos um balão para cada criança, incentivando-as a passar o balão pelo corpo para experimentar estímulos táteis, na pele. Em seguida, propusemos uma dança com os balões. Inicialmente, tudo estava correndo bem, as crianças estavam participativas e seguindo as instruções. No entanto, outras crianças que estavam observando de fora começaram a entrar no local delimitado para também brincar com os balões. Isso resultou em choros das crianças cujos balões foram estourados, desviando nossa atenção e comprometendo o foco da atividade.

¹⁷ Brincadeira popular em que uma pessoa é designada como “mestre” e contém comandos para os outros participantes, que devem executar os mesmos apenas se o “mestre mandar”.

¹⁸ Canção folclórica brasileira de domínio público.

Nesse dia até nossa roda de conversa ficou comprometida. As crianças se agitaram por conta dos balões. Então fizemos um abraço coletivo e nos despedimos.

Percebemos que nem tudo está sob o nosso controle e que precisamos ser flexíveis e adaptáveis para lidar com imprevistos. Observamos também que o abraço coletivo no final ajudou a aliviar a tensão que havia surgido no ambiente e podemos reforçar que nossa relação com as crianças não estava baseada no comportamento delas, e sim na importância delas como sujeito único e individual.

3.1.8 – NONA E DÉCIMA VIVÊNCIA

Os dois últimos encontros, que antecederam a culminância do projeto, aconteceram nos dias 02 e 09 de Agosto de 2022. Criamos uma espécie de sequência com o auxílio da professora Dra. Ceila Portilho, com atividades já realizadas com as crianças anteriormente. Eu e a Polliana ficamos apreensivas, porque nesse dia só apareceu uma criança no salão de festas. Saímos ao redor da vizinhança para chamar as crianças e poucas estavam dispostas. As férias haviam acabado, as aulas nas escolas haviam retornado, a maioria das crianças estudava à tarde e estavam cansadas.

Fizemos uma roda de conversa com as crianças, explicando que o projeto estava no fim e que iríamos fazer uma linda apresentação de encerramento para os pais e para a comunidade. Logo outras crianças foram chegando ao salão. Fizemos o combinado de que só quem participasse do ensaio, iria participar da apresentação aberta. Perguntamos às crianças o que elas gostariam de apresentar, e a maioria sugeriu que fizéssemos a brincadeira “o mestre mandou”, com imitação de animais e “escravos de Jó”. Fomos testando brincadeiras de forma que ficasse harmoniosa a sequência e para que as crianças também pudessem opinar na organização. Fiz um documento de autorização e convite para que as crianças entregassem aos pais, chamando-os para o nosso evento. Foi mencionado data, horário e como isso iria acontecer. Coloquei meu telefone para eventuais dúvidas e pedi para que as crianças nos trouxessem o papel assinado na semana posterior. Recebemos 4 papéis assinados, numa média de 20 entregues. Fizemos arte de divulgação, para que o síndico enviasse aos pais e a comunidade do Condomínio, mas infelizmente não tivemos tanto retorno.

Marcamos um dia extra para o ensaio, e nesse dia apareceram em média 20 crianças. Muitas delas estavam lá pela primeira vez. Algumas estavam um pouco perdidas, mas logo

iam se encaixando. Decidimos não definir um figurino, levando em consideração as condições socioeconômicas que as crianças apresentavam. Talvez se fosse exigido um, uma criança ou outra deixaria de participar.

O ensaio nos dois dias foi pouco produtivo pela inconstância na frequência das crianças participantes.

3.1.9 – APRESENTAÇÃO ABERTA

Então chegou o dia do encerramento do nosso projeto, que aconteceu no dia 16 de Agosto. Chegamos mais cedo no Condomínio para organizarmos o salão, decoração e as crianças. Com a mobilização no local, as crianças não demoraram a aparecer. Logo elas foram nos auxiliando na organização. A Polliana conseguiu algumas fantasias infantis emprestadas no CMEI onde ela trabalha e as crianças ficaram bastante animadas!

Na apresentação aberta, eu e meus colegas de estágio levamos alguns lanchinhos, que eram para nós, mas acabou sendo repartido por todos. Vestimos as crianças com as fantasias, e fizemos nosso último ensaio com todas as orientações. Todos estavam ansiosos!

Pouco a pouco alguns moradores se achegaram e ficaram nos arredores do salão de festas. Então Polliana e eu fizemos uma fala de agradecimento a todas as crianças, aos síndicos e a comunidade do condomínio que nos receberam durante todo o projeto. Iniciamos nossa apresentação aberta, e mesmo com alguns contratempos pude perceber a alegria contagiante no sorriso de cada criança. Finalizamos com uma grande roda e recebemos os aplausos dos poucos espectadores que estavam no local.

Foi difícil a despedida! Entre muitos abraços, ouvimos perguntas e frases como: “tia, você vai voltar?”, “me passa seu whatsapp pra eu te ligar!” , “eu te amo tia!”

Nesse momento dei aquele suspiro de dever cumprido, sensação que me trouxe muitas reflexões sobre a responsabilidade da docência, e em especial de ser uma “tia de crianças”.

3.2 – ABRIGO LAR MARIA DE NAZARÉ

Meu primeiro contato com o abrigo Lar Maria de Nazaré, localizado na cidade de Hidrolândia, aconteceu através de uma ação social em comemoração à Páscoa nesse mesmo ano de 2022. Fui convidada por uma amiga que atua em um projeto social para conhecer o

abrigo e também para verificar possíveis aberturas de intervenções relacionadas a essa pesquisa.

O abrigo é administrado pela prefeitura da cidade. Lá são recebidas crianças e adolescentes de 0 até 18 anos. Grande parte dos adolescentes estão abrigados lá desde a infância. Interessante mencionar que algumas funcionárias são ex-abrigadas do local.

A situação das crianças que vivem no abrigo é diferente daquelas que residem no Condomínio Residencial Agenor Modesto, onde fiz as ações de Estágio. As crianças abrigadas recebem atendimento regular de profissionais da saúde, psicólogos e educadores, além de alimentação e higiene adequadas. Todavia, é importante destacar que essas crianças foram retiradas de suas famílias pelo Conselho Tutelar devido a situações de violência e abandono. Portanto, de igual modo elas são vulneráveis e estão temporariamente protegidas pelo abrigo.

O Abrigo Lar Maria de Nazaré possui a estrutura de uma casa bem cuidada, com vários quartos, um amplo quintal, jardim, um parquinho e uma pequena quadra de futebol. Parece ser um local aconchegante. Eu, particularmente, fiquei encantada com o lugar, uma casa muito limpa e organizada. Nesse primeiro contato, conheci apenas alguns adolescentes, pois as crianças haviam saído para um passeio. Fui bem recebida pela dona Genídes, diretora do abrigo há 50 anos. Ela ficou bastante animada quando eu propus as intervenções artísticas com as crianças. Deixamos, então, tudo acertado para que quando eu retornasse do período das férias, me reuniria com as crianças semanalmente às quintas-feiras pela manhã.

3.2.1 - PRIMEIRA VIVÊNCIA

O primeiro encontro com as crianças aconteceu dia 30 de Junho de 2022, aonde levei as mesmas ideias das vivências do Estágio I. Eu havia organizado um pequeno plano de aula na expectativa de que as crianças estariam abertas e dispostas a participarem. Das 6 crianças presentes, 3 se interessaram mesmo demonstrando certo receio com “a desconhecida” e os outros 3 estavam jogando futebol e não se interessaram. Apresentei-me para elas e expliquei de forma resumida como iriam acontecer nossos encontros.

Depois pedi para que cada criança se apresentasse fazendo um movimento e dizendo o que mais gostava de brincar. Estabelecemos juntas algumas regras de convivência, e reforcei que todas elas tinham total liberdade para decidir se desejavam participar ou não.

Nesse encontro, minha amiga Anny Kelly me acompanhou para fazer registros fotográficos da intervenção. Como as crianças não demonstraram tanta empolgação para a primeira proposta, decidi abrir mão do planejado e fiz a brincadeira do “pique chama” (onde a criança a ser pega, deveria falar o nome de outra criança para ser pega em seu lugar, estimulando a concentração e a memória.). Eu havia levado lápis de cor, então com a ajuda das crianças, limitamos o espaço para a brincadeira colocando os lápis no chão. Aos poucos, as crianças ficaram eufóricas e pediram para chamar as crianças de fora, que nesse momento já estavam nos observando. Elas vieram e participaram da brincadeira.

Quando elas se cansaram, reuni em roda e entreguei uma folha para que cada um fizesse o desenho de uma brincadeira que gostasse muito. Aproveitei esses momentos para estimular a individualidade de cada um no momento em que apresentava e explicava seu desenho para as outras crianças em roda. Ao mostrar seu desenho para os outros, as crianças tiveram a oportunidade de expressar suas ideias, pensamentos e sentimentos de maneira visual. Isso ajuda a desenvolver a capacidade de se expressarem, de se sentirem valorizadas e reconhecidas, estimula a comunicação entre as crianças, desenvolve um senso de pertencimento ao grupo, promove a autoestima, a valorização da individualidade de cada criança, e o respeito pela diversidade de expressão artística.

Pude perceber que é importante que nossa atitude diante do plano de aula programado não seja rígida, e sim flexível para se adaptar às necessidades e interesses das crianças. Para isso, é interessante ter outras “cartas na manga” para lidar com os imprevistos.

E assim finalizamos nosso primeiro encontro, com grandes expectativas para a semana posterior.

3.2.2 - SEGUNDA VIVÊNCIA

O segundo encontro aconteceu em 07 de Julho de 2022. Encontrei as crianças um pouco mais dispostas e animadas. Participaram da vivência duas crianças do Lar e seis crianças da comunidade.

Iniciei com uma roda perguntando como foi a semana de cada um e depois ensinei a cantiga "Escravos de Jó". Alguns já conheciam a cantiga e me ajudaram a ensinar às outras crianças. Cantamos pulando e marcando a pulsação da música, acelerando e desacelerando o tempo. Sem parar a brincadeira, dei o comando "O mestre mandou", uma brincadeira em que as crianças personificam o que é proposto pelo mestre. Dei comandos de animais para

estimular movimentos no nível baixo, médio e alto, como lagartixa, jacaré, estrela do mar, minhoca, pássaro, peixe, elefante e dei a oportunidade de cada criança também ser o mestre. Elas demonstraram intensidade nas imitações, e naturalmente junto com os gestos surgiram sons e muita expressividade.

Quando percebi que elas se cansaram, fizemos uma roda para fazerem um desenho e compartilharem o que mais gostaram nas vivências. Mais uma vez a atividade que sobressaiu foi "O mestre mandou". Depois que mostraram e explicaram seus desenhos, uma das crianças sugeriu transformar a folha em um aviõzinho de papel, ideia que animou as outras crianças. Então dei a oportunidade para a criança que fez a sugestão assumir o papel de liderança, ajudando a ensinar o restante do grupo. Após a conclusão dos aviõezinhos de papel, as crianças brincaram um pouco mais antes de finalizar o encontro.

No final, os meninos me pediram para eu jogar futebol com eles antes da minha partida. Aceitei o convite como uma oportunidade de me conectar com eles um pouco mais.

Nesse encontro, a Anny também me auxiliou com os registros fotográficos. Voltei para casa com muita satisfação em ter me divertido junto com as crianças.

Percebi nesse encontro que a oportunidade que a criança teve em assumir um papel de liderança, promoveu um senso de autonomia, valorização das ideias individuais, confiança e responsabilidade, além de ter deixado uma impressão positiva nas crianças, reforçando o prazer em participar dos encontros.

3.2.3 - TERCEIRA VIVÊNCIA

Dia 15 de Julho de 2023, aconteceu a terceira vivência no Lar. As crianças se sentaram em roda (nesse dia haviam 6 crianças presentes). Cada um contou uma novidade da semana e em seguida, repetimos a brincadeira "O mestre mandou".

Depois para experimentarmos qualidades ou intenções de movimento (peso forte/leve, tônus, apoios, etc) pedi para que as crianças fizessem duplas. Dei alguns comandos para que um carregasse ou arrastasse o corpo do outro e também para que resistissem o peso do outro com as costas e com as mãos. Assim, vivenciamos o peso forte. Já na experimentação do peso leve, entreguei um balão para cada criança e com a música de fundo, pedi para que elas dançassem com o balão. Dei comandos do tipo: "agora o balão dança no seu corpo", "agora o balão dança no corpo do outro", "o balão dança lá em cima",

“lá embaixo”, “o balão dança na cabeça, no ombro, no pé” etc. Nesse dia, não tive ninguém para auxiliar com os registros fotográficos, pois o celular estava conectado na caixinha de som. Mas as crianças exploraram as movimentações e pude perceber que estavam menos inibidas que no primeiro dia. Notei que estavam um pouco mais expansivas corporalmente.

Finalizamos em roda com a brincadeira “telefone sem fio do toque”¹⁹. Perguntei se as crianças conheciam a brincadeira do telefone sem fio, e todas afirmaram que sim. Então expliquei que seria a mesma brincadeira, mas ao invés de falar no ouvido do amigo, iríamos tocar o braço da criança ao lado, tentando perceber e reproduzir a intensidade do toque recebido. Pedi para que cada criança fechasse os olhos, respirasse e deixasse os braços estendidos. Foi interessante ver as expressões faciais de curiosidade, ansiedade e alegria, que as crianças faziam enquanto eram tocadas no braço. Foi um momento de muita descontração, muitas frases engraçadas e muitas gargalhadas, que foi até difícil encerrar a brincadeira, pois as crianças pediram para continuar por várias vezes, mesmo com minhas tentativas de encerramento. Em seguida, cada criança falou o que mais gostou na vivência do dia e finalizamos com um abraço coletivo.

Percebi que ao propor atividades que envolvem o movimento do corpo e experimentação de diferentes qualidades e intenções de movimento, as crianças puderam ampliar um pouco mais suas habilidades motoras e estimular no desenvolvimento de consciência corporal. Observei também que em relação a primeira e a segunda vivência, nesse encontro as crianças estavam bem mais desinibidas.

3.2.4 - QUARTA VIVÊNCIA

O quarto encontro aconteceu no dia 21 de Julho de 2022, e 5 crianças estavam presentes. Cheguei no Lar antecipadamente, levei uma sobremesa e enquanto eu aguardava as crianças da comunidade, conversei e inventei brincadeiras com uma das crianças do Lar. Nesse dia, uma das crianças não pôde participar devido uma consulta médica. Notei a carência no olhar de uma criança de 7 anos que, além de uma história familiar difícil, enfrenta dificuldades de se socializar, ainda não reconhece as letras e não é alfabetizado. Em todas as vivências, fiz questão de estimular a socialização entre ele e as outras crianças

¹⁹ Adaptação da brincadeira telefone sem fio, em que numa roda ou fila, uma pessoa escolhe uma frase ou palavra para sussurrar para a pessoa do lado e essa pessoa por sua vez sussurra para a próxima pessoa até que a mensagem chegue ao último participante.

porque era visível a sensação de exclusão que ele demonstrava. Inclusive, as intervenções possibilitaram que essa criança criasse vínculos com as outras da mesma idade daquela comunidade, já que ele estava há alguns meses sem frequentar a escola, pois estava em reforma.

Quando as crianças chegaram e viram a sobremesa (mousse de morango e de maracujá), ficaram eufóricas. E enquanto comiam, elas foram compartilhando as novidades da semana.

Iniciamos nosso encontro com uma sequência de alongamentos dançada e então relembremos a cantiga “Escravos de Jó”. Levei elástico e perguntei se alguma delas já conhecia a brincadeira de “pular elástico”. Uma das meninas já conhecia e me ajudou a mostrar a brincadeira para o restante da turma. Cantamos a cantiga “Escravos de Jó” e também outras, que as crianças foram propondo enquanto experimentamos pular o elástico, fazendo a marcação da pulsação da cantiga.

As crianças não demoraram a se cansar, então propus a brincadeira “Somos três marinheiros de uma perna só”²⁰, que foi uma novidade para todas elas. Formamos dois times, onde cada equipe deveria escolher em secreto um objeto ou animal e faria mímicas para que a outra equipe adivinhasse e tentasse capturar marinheiros do time oposto. Foi um momento de muita expressividade, criatividade e diversão. Participei das atividades junto com as crianças durante toda a vivência. As crianças da comunidade precisaram ir embora mais cedo, por isso não fizemos nossa roda de conversa final. Não consegui fazer tantos registros fotográficos pelo mesmo motivo da semana anterior.

Nesse encontro, percebi que o plano de aula não precisa se resumir a conteúdos formais. É possível proporcionar outras experiências simples, porém enriquecedoras. Observei por exemplo, que no momento da sobremesa enquanto compartilhavam sobre as novidades da semana, percebi um ambiente acolhedor para as crianças. E além disso, estimular a socialização entre crianças, dando atenção e envolvendo àquelas que aparentam ter baixa autoestima ou se sentem excluídas, foi possível desenvolver um senso de pertencimento igualitário e também de acolhimento no grupo como um todo.

²⁰ Brincadeira popular que envolve mímica e adivinhações. É um jogo divertido que estimula a criatividade, comunicação não verbal e a expressão corporal.

3.2.5 - QUINTA VIVÊNCIA

Não estava planejado, mas esse foi meu último encontro com as crianças. E aconteceu no dia 28 de Julho de 2022. Havia quatro crianças presentes. Duas eram as abrigadas no lar e as outras duas eram filhos de funcionários, que ainda não haviam participado das vivências. Um menino de três anos e sua irmãzinha de quase dois anos. As outras crianças que estavam frequentando anteriormente já estavam retornando em suas rotinas escolares, por isso não estavam presentes.

Tive muita dificuldade de me conectar e de propor as atividades planejadas, já que as crianças eram bem mais novas e agitadas do que eu estava acostumada a lidar. Eu não tinha outras estratégias preparadas. E como todas as outras vezes, decidi experimentar junto com as crianças. Coloquei músicas do "Palavra Cantada" e estimulei as crianças a dançarem com os lenços que eu havia levado. Durante poucos minutos elas seguiram os comandos e depois começou a haver desinteresse na atividade. Formei duplas e entreguei os elásticos com a mesma proposta que apliquei no estágio, mas não funcionou, porque as crianças menores começaram a brigar com o elástico e tive que contornar a situação. Eu havia levado copos para marcar a pulsação de "Escravos de Jó" com as crianças e tentei mais uma vez. Logo uma das crianças saiu recolhendo o copo das outras, e foi aquela confusão. Em alguns momentos, os mais novinhos choraram e foram atrás da mãe. Finalizei colocando todas as crianças para brincar de guardar os materiais. E concluímos. Naquele dia fiquei um pouco nervosa e insatisfeita por não conseguir lidar com o inesperado. Conversei um pouquinho com a dona Genídes e me despedi.

Eu ainda havia me organizado para ir nas semanas posteriores, mas como dito anteriormente, o retorno das aulas das crianças e meus horários de trabalho juntamente com a distância, impossibilitaram o seguimento das intervenções.

Nesse último encontro, pude perceber a importância de reconhecer nossas próprias limitações. Afinal, não teremos todas as respostas ou soluções prontas para todas as situações que surgem. Entretanto, essa vivência também ressaltou a necessidade de buscar conhecimento, aprender com experiências e buscar constantemente o aprimoramento como educador. Ao reconhecer nossas limitações, não devemos nos deter nelas, mas sim encará-las como oportunidades de crescimento. Buscar conhecimento é fundamental para nos capacitarmos a lidar com diferentes desafios e aprender com experiências passadas é um aspecto precioso do desenvolvimento profissional. Refletir sobre o que funcionou e o que

não funcionou em determinada situação nos permite ajustar nossas estratégias e abordagens para obter melhores resultados no futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERSPECTIVAS

Sabe-se que a sociedade ocidental capitalista desempenhou e desempenha um papel fundamental na estruturação e perpetuação da vulnerabilidade social. A existência de classes dominantes detentoras do poder, de recursos e que acumulam riquezas, em contraposição a classes subordinadas, exploradas no trabalho, tem sido um fator determinante nas desigualdades sociais. Essas estruturas, baseadas na exploração do trabalho e na busca pelo lucro, têm reforçado essas desigualdades ao longo do tempo.

A condição de vulnerabilidade social também afeta diretamente as crianças em diversas partes do mundo, colocando em risco seu desenvolvimento corporal, cognitivo, afetivo e social. Crianças em situação de vulnerabilidade social podem enfrentar desafios como falta de acesso à educação de qualidade, serviços de saúde precários, instabilidade familiar, pobreza, violência e marginalização, fatores que podem impactar de forma negativa em seu bem-estar.

No entanto, diante dessas situações e de muitos enfrentamentos, surgiram frentes de combate à desigualdade social e à vulnerabilidade social como, movimentos sociais, sindicatos e organizações da sociedade civil que desempenharam um papel fundamental na luta por melhores condições de vida, trabalho e justiça social para todos, incluindo, também, as crianças, por meio de implementação de políticas, programas e ações que visam garantir o acesso a serviços básicos.

Nesse contexto, a arte também pode ser um elemento de mediação para promover a resiliência, o empoderamento e a autoestima das crianças em situação de vulnerabilidade social, proporcionando um espaço seguro para explorar emoções, canalizar energias criativas e construir habilidades sociais. Especificamente, a dança é aqui tratada como um recurso de experimentação que desempenha um papel social importante, proporcionando um ambiente de interação e colaboração, oferecendo às crianças em situação de vulnerabilidade social uma oportunidade de crescimento, expressão e transformação. Como já mencionado, ao investir na dança na infância, estamos investindo no desenvolvimento integral das

crianças, proporcionando-lhes subsídios para enfrentar desafios, expressar-se criativamente e se tornar agentes de mudança em suas vidas e comunidades.

Quando cursei a disciplina de Estágio o meu foco estava na atuação prática docente, mesmo tendo em mente que essa prática perpassa por diversas variáveis, dentre elas a observância e adaptação à situação socioeconômica das crianças. Contudo, esse ponto não foi dado tamanha relevância. Por isso, na descrição das vivências desse campo, as queixas de fome por parte das crianças ter sido um fato recorrente, esta não foi minuciosamente relatada nas vivências. Entretanto, elas ganham importância no contexto desse trabalho. Tenho uma lembrança, que me deixou muito comovida, em que em uma das aulas ouvi a dolorosa pergunta de uma das crianças: “tia, você trouxe comida?”. Nesse dia eu havia levado um saquinho de biscoito, e ofereci a ela. Repentinamente outras crianças estavam ao redor compartilhando do que eu havia dado. A maioria das crianças, com exceção de uma (com transtorno do espectro autista) que sempre era acompanhada pela mãe, chegavam sozinhas para nossas vivências. Muitas delas descalças, mal asseadas e se queixando que estavam com fome, como não era raro acontecer. Isso pode denotar possíveis condições de vulnerabilidade enfrentadas por essas crianças.

Diferentemente do que acontecia nessas vivências no condomínio (estágio), no abrigo, testemunhei crianças perceptivelmente bem alimentadas e asseadas, pois é responsabilidade da instituição garantir a proteção e cuidado dessas crianças. Porém, sua condição de vulnerabilidade social ia em outro sentido: a da violência moral e da falta de afeto. Essas memórias ainda me tocam, como quando ouvi uma criança me dizer: “tia, fica só mais um pouquinho”. Suas vulnerabilidades são duplamente atingidas. Primeiro, devido às condições que as levaram à instituição, como violência doméstica, abandono, até mesmo a própria fome, além de negligências em geral. Segundo, porque estar em uma instituição que as resguarda temporariamente, não garante e nem inibe os traumas enfrentados e suas consequências. Ainda, será que o tempo de espera (geralmente longo) para reintegração familiar ou adoção aumenta a privação afetiva dessas crianças?

Enfrentar situações de vulnerabilidade social com o público infantil, requer uma abordagem específica, levando-se em consideração o grau de desenvolvimento humano e seu contexto social. Mas, de uma forma geral, as atividades lúdicas demonstram ser um recurso valioso de aproximação, aprendizado, socialização, expressão etc. A atividade proposta nas vivências que mais me chamou a atenção nesse contexto, foi a de imitação de

animais. Percebi que esta desempenhou um papel significativo no desenvolvimento das crianças nesse processo. Ao imitar animais as crianças são encorajadas a usar sua imaginação e criatividade para representar diferentes comportamentos e características, estimulando a sua capacidade de criar histórias e situações imaginárias, o que é fundamental para o desenvolvimento cognitivo. Envolve movimentos físicos, como rastejar, pular, correr e fazer sons correspondentes aos animais que ajudam a desenvolver habilidades motoras, coordenação e equilíbrio nas crianças. Além disso, estimula o desenvolvimento social e emocional, pois elas interagem com outras crianças. E essas interações promovem o desenvolvimento de habilidades sociais, como compartilhar, comunicar-se, trabalhar em equipe e resolver conflitos, além de estimular a linguagem e comunicação verbal e não verbal por meio de gestos, expressões faciais e posturas corporais. Lembrando ainda que a dança por si, não conseguiria sozinha resolver todos os problemas decorrentes de situações de vulnerabilidade social. Contudo, ela pode ser um elemento favorável no combate dessas mazelas que se perpetuam desde muito tempo.

Observando e interagindo com as crianças nos dois campos de pesquisa, pude notar algumas mudanças ao longo das vivências, como maior engajamento, resiliência, consciência corporal, autoestima, noções de tempo e espaço, expansão quanto ao repertório motor e expressividade, interesse em compartilhar suas ideias e interações sociais mais positivas. É certo que, da mesma forma que as vivências me proporcionaram oportunidades de desenvolvimento, esses benefícios afetaram também as crianças envolvidas nessa troca de aprendizados. Tocar e me permitir ser tocada, mudar a rota, lidar com o inesperado, respeitar os desejos do querer ou não, do gostar ou não, da disposição ou indisposição das crianças foram momentos que me atravessaram. Portanto, recebi como uma grande oportunidade de aprendizado em cada uma das situações. Aprendi talvez mais do que me propus a ensinar. Percebi que quanto mais eu me conectava com as crianças, seja participando junto ativamente das vivências, seja observando os olhares, ouvindo-as de forma atenta, percebendo as potências, eu estava contribuindo com o direito delas de serem protagonistas e reconhecendo-as como sujeito de desejos, ideias e opiniões. Em resumo, considero que desfrutar de todo o processo superou os objetivos inicialmente estabelecidos em cada vivência.

Por fim, este trabalho vem a somar com as pesquisas sobre os benefícios das vivências artísticas para crianças em situações de vulnerabilidade social. E aqui ressalto a

importância de expandir oportunidades artísticas para o desenvolvimento desse público. A realização de estudos adicionais para aprofundar a compreensão das abordagens de transformação aos impactos das vivências artísticas nesse contexto específico, na intenção de fortalecer a promoção do bem-estar e a potencialização das habilidades de crianças, pode contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva, justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. D. S. **Dança e Educação: 30 experiências lúdicas com crianças**. 1. ed. SP: Summus, 2018. p. 1-127.

ALMEIDA, F. D. S. **Que dança é essa?: Uma proposta para a educação infantil**. 1. ed. SP: Summus, 2016. p. 1-143.

BARBOSA, Maria C. S. A **Rotina nas Pedagogias da Educação Infantil: dos binarismos à complexidade**, Currículo sem Fronteiras, v.6, n.1, p. 56-69, Jan/Jun2006. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol6iss1articles/barbosa.pdf>.

BRASIL. ECA. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/crianca-e-adolescente/publicacoes/eca-2023.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2023.

CRISÓSTOMO, Adinei A. ALVES, Luanne J. da Silva. **Políticas públicas x desigualdades, pobreza e exclusão: um olhar sobre as políticas públicas e as desigualdades sociais no Brasil, conceitos e características**. EFDeportes.com, Revista Digital. Buenos Aires - Ano 18 - Nº 180 - Mayo de 2013. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd180/politicas-publicas-x-desigualdades-pobreza-e-exclusao.htm>

DEWEY, John. **Vida e Educação: A criança e o Programa Escolar; Interesse e Esforço**. 10. ed. SP: Melhoramentos, 1952. p. 1-110.

FLORIANO, V. D. L. **A INFLUÊNCIA DA DANÇA NOS CORPOS DAS CRIANÇAS PEQUENAS E NA CONSTRUÇÃO DE SUAS IDENTIDADES.**, Sorocaba, v. 1, n. 1, p. 1-34, jun./2021. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/15344/TCC%20Vit%C3%B3ria%20Floriano_Reposit%C3%B3rio%20Institucional.pdf?sequence=1. Acesso em: 8 jun. 2023.

FRAZÃO, Dilva. EBIOGRAFIA. **Henri Paul Hyacinthe Wallon**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/henri_paul_hyacinthe_wallon/. Acesso em: 7 jun. 2023.

_____. EBIOGRAFIA. **Jean Piaget**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/jean_piaget/. Acesso em: 7 jun. 2023.

GOMES, Carla C. . **O corpo do protesto: emoção e identidade no campo feminista contemporâneo brasileiro**. In: 42o. Encontro Anual da ANPOCS, 2018, Caxambu, MG, Brasil. 42o. Encontro Anual da ANPOCS, 2018. Disponível em: <http://anpocs.org/index.php/papers-40-encontro-3/gt-31/gt30-14/11370-o-corpo-do-protesto-emocao-e-identidade-no-campo-feminista-contemporaneo-brasileiro/file> Acesso em: 5 jun. 2023.

MEDEIROS, Bianca Lopes. **DANÇA-CRIANÇA: UMA ANÁLISE SOBRE O ENSINO DE DANÇA NA INFÂNCIA**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 1-37, abr./2020. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/18011/1/BLM13042020.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2023.

ONU BRASIL. **Objetivos de Desenvolvimento sustentável**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br>. Acesso em: 5 jun. 2023.

SILVA, S. D. S; MEDEIROS, C. C. C. D; JÚNIOR, Wanderley Marchi. **Habitus e prática da dança: uma análise sociológica**, Toledo, v. 1, n. 1, p. 1-11, dez./2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1980-65742012000300007>. Acesso em: 5 jun. 2023.

SUSAN FOSTER. **Biografia**. Disponível em: <http://danceworkbook.pcah.us/susan-foster/about-susan-foster.html>. Acesso em: 5 jun. 2023.

UNICEF FOR EVERY CHILD. **Sobre a UNICEF**. Disponível em: <https://www.unicef.org/>. Acesso em: 5 jun. 2023.

VITORIA, Ana. **Anna Halprin e a dança curativa ou performance da vida**. Disponível em: <https://anavitoria.com.br/anna-halprin-e-a-danca-curativa-ou-performance-da-vida/>. Acesso em: 5 jun. 2023.

YOUTUBE. [TEMPO] **Anna Halprin por Nadam Guerra**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nkCMBxVe4kQ>. Acesso em: 1 jun. 2023.

ANEXOS

ANEXO 1 - PLANOS DE AULA

AULA 01 (31/05/2022)	
Professoras Estagiárias: Polliana Gouveia e Natália Vaz Professora Responsável: Dra. Ceila Portilho Turma: Crianças	
Tema: Apresentação e Interação	
Objetivos: Ministrar a combinação de 2 Temas Básicos de Movimento (Laban): tema de movimento I - relacionado com a consciência do corpo e tema de movimento III - relacionado com a consciência do espaço.	
Materiais: música, caixa de som, papel chamex, lápis de cor	
Metodologia: 1º Momento: Apresentação – apresentar o projeto, as professoras e as crianças. Estabelecer regras de convivência. (Dinâmica de falar o nome enquanto faz algum movimento). 2º Momento: Aquecimento – Brincadeira da estátua. Experimentar ritmos, velocidades, interações. 3º Momento: Conexão – Percepção corporal através de movimentos que explorem as partes do corpo e as articulações. Experimentar os planos baixo, médio e alto. 4º Momento: Ciranda – Ensinar a cantiga “Quem te ensinou a nadar”. 5º Momento: Diário de Bordo – Impressões das crianças através de desenhos e palavras no papel.	

AULA 2 (07/06/2022)	
Professoras Estagiárias: Polliana Gouveia e Natália Vaz Professora Responsável: Dra. Ceila Portilho Turma: Crianças	
Tema: Apresentação e Interação	
Objetivos: Ministrar a combinação de 3 Temas Básicos de Movimento (Laban): tema de movimento I - relacionado com a consciência do corpo e tema de movimento III - relacionado com a consciência do espaço.	
Materiais: música, caixa de som, papel chamex, lápis de cor	
Metodologia: 1º Momento: Sequência com as ações básicas de movimento. https://music.youtube.com/watch?v=H08UZ2_avpk&feature=share 2º Momento: Diagonal - rolamentos e saltos (uma criança de cada vez). https://music.youtube.com/watch?v=ljLn5n0-zil&feature=share 3º Momento: Brincadeira - Ou Fazer desenhos livres no espaço dando ênfase em partes específicas do corpo (<i>desenhar com o nariz, com o cotovelo, pé, cabeça, quadril, bumbum, ombro, orelha, joelho, etc</i>). Durante as movimentações, dar comandos repentinos de pausa (<i>estátua</i>), movimentos acelerados e desacelerados. https://music.youtube.com/watch?v=T5lQ0D7nM3Y&feature=share 4º Momento: Diário de Bordo – Impressões através de desenhos e palavras.	

AULA 3 (14/06/2022)
Professoras Estagiárias: Polliana Gouveia e Natália Vaz Professora Responsável: Dra. Ceila Portilho Turma: Crianças
Tema: Apresentação e Interação
Objetivos: • experimentar a consciência das partes do corpo e do espaço. Estimular o processo de criação em dança. Proporcionar a ampliação de repertório motor.
Materiais: • música, caixa de som, elástico
Metodologia: 1º Momento: Aquecimento - Meu corpo sabe dançar. Explorar articulações. 2º Momento: Sequência dançada. (https://music.youtube.com/watch?v=H08UZ2_avpk&feature=share) 3º Momento: Dançando com elástico - Formar duplas. Propor para que as crianças se movimentem articulando e esticando o elástico, explorando os níveis sem soltar e sem deixar que o elástico encolha. 4º Momento: Diagonais - rolamentos e saltos (uma criança de cada vez). (https://music.youtube.com/watch?v=ljLn5n0-zil&feature=share) 5º Momento: Ciranda e roda de conversa.

AULA 4 e 5 (28/06/2022)	
Professoras Estagiárias: Polliana Gouveia e Natália Vaz Professora Responsável: Dra. Ceila Portilho Turma: Crianças	
Tema:	
Objetivos: • Explorar os níveis baixo, médio e alto e os tempos acelerados e desacelerados. Estimular o processo de criação em dança. Proporcionar a ampliação de repertório motor.	
Materiais: • música e caixa de som	
Metodologia: 1º Momento: Organização das turmas (divisão por faixa etária) e aquecimento. 2º Momento: Sequência dançada. 3º Momento: Passando por baixo do cordão - Estimular movimentos acelerados e desacelerados, e os níveis baixo, médio e alto. (Imitando a movimentação de animais: lesma, tartaruga, cachorro, canguru, pássaro, cobra, etc). 4º Momento: Ciranda e Roda de conversa.	

AULA 6 (05/07/2022)	
Professoras Estagiárias: Polliana Gouveia e Natália Vaz Professora Responsável: Dra. Ceila Portilho Turma: Crianças	
Tema:	
Objetivos: • Explorar os níveis baixo, médio e alto e os tempos acelerados e desacelerados. Estimular o processo de criação em dança. Proporcionar a ampliação de repertório motor.	
Materiais: • música e caixa de som	
Metodologia: 1º Momento: Aquecimento - partes do corpo (Meu corpo sabe dançar). 2º Momento: Sequência dançada. 3º Momento: Escravos de Jó - na pulsação da música. Experimentar com palmas, diferentes níveis e movimentos, mais rápido e mais lento. 4º Momento: Roda de conversa.	

AULA 7 (19/07/2022)	
Professoras Estagiárias: Polliana Gouveia e Natália Vaz Professora Responsável: Dra. Ceila Portilho Turma: Crianças	
Tema:	
Objetivos: • Ministrar exploração - relacionado com a consciência do corpo a partir de movimentos de imitação.	
Materiais: • música e caixa de som.	
Metodologia: 1º Momento: Aquecimento- meu corpo sabe dançar - alongamento e explorar das articulações 2º Momento: Explorar os planos baixo, médio e alto através de comandos imitando animais e objetos. 3º Momento: Conexão – Percepção corporal através de movimentos que explorem as partes do corpo através de imitação de animais. 4º Momento: Relaxar – mexer o corpo explorando cada parte, para respirar e relaxar. 5º Momento: Ciranda – Cantiga “escravo de jó”.	

AULA 8 (26/07/2022)	
Professoras Estagiárias: Polliana Gouveia e Natália Vaz Professora Responsável: Dra. Ceila Portilho Turma: Crianças	
Tema:	
Objetivos: • Ministrar exploração - relacionado com a consciência do corpo a partir de movimentos, correr, concentração e reflexo.	
Materiais: • música, balões e caixa de som.	
Metodologia: 1º Momento: Aquecimento - pique chama. 2º Momento: Ciranda – Cantiga “escravo de Jó e se eu fosse um peixinho”. 3º Momento: Explorar - dança com balões.	

AULAS 9 E 10 (02/08/2022 E 09/08/2022)	
Professoras Estagiárias: Polliana Gouveia e Natália Vaz Professora Responsável: Dra. Ceila Portilho Turma: Crianças	
Tema:	
Objetivos: • Ensaio e organização para o encerramento	
Materiais: • música e caixa de som	
Metodologia: 1º Momento: Aquecimento - pique chama. 2º Momento: Ensaio - Escravos de Jó, mestre mandou (com ênfase nos animais).	

ANEXO 2 - IMAGENS

Imagem 1 - Condomínio Agenor Modesto, Apª de Goiânia, 2022 (Acervo Pessoal)



Imagem 2 - Condomínio Agenor Modesto, Apª de Goiânia, 2022 (Acervo Pessoal)



Imagem 3 - Condomínio Agenor Modesto, Apª de Goiânia, 2022 (Acervo Pessoal)



Imagem 4 - Condomínio Agenor Modesto, Apª de Goiânia, 2022 (Acervo Pessoal)



Imagem 5 - Condomínio Agenor Modesto, Apª de Goiânia, 2022 (Acervo Pessoal)



Imagem 6 - Condomínio Agenor Modesto, Apª de Goiânia, 2022 (Acervo Pessoal)



Imagem 7 - Condomínio Agenor Modesto, Apª de Goiânia, 2022 (Acervo Pessoal)



Imagem 8 - Abrigo Lar Maria de Nazaré, Hidrolândia (Acervo Pessoal)



Imagem 9 - Abrigo Lar Maria de Nazaré, Hidrolândia (Acervo Pessoal)



Imagem 10 - Abrigo Lar Maria de Nazaré, Hidrolândia (Acervo Pessoal)



Imagem 11 - Abrigo Lar Maria de Nazaré, Hidrolândia (Acervo Pessoal)



Imagem 12 - Abrigo Lar Maria de Nazaré, Hidrolândia (Acervo Pessoal)



Imagem 13 - Abrigo Lar Maria de Nazaré, Hidrolândia (Acervo Pessoal)

Documento Digitalizado Público

VERSÃO FINAL TCC

Assunto: VERSÃO FINAL TCC
Assinado por: Tiago Oliveira
Tipo do Documento: Documentos
Situação: Finalizado
Nível de Acesso: Público
Tipo do Conferência: Documento Original

Documento assinado eletronicamente por:
■ **Tiago Vilas Boas Dias de Oliveira, TECNICO DE LABORATORIO AREA**, em 17/08/2023 10:49:40.

Este documento foi armazenado no SUAP em 17/08/2023. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 467449
Código de Autenticação: b0b0c234b4

